

Pontifícia Universidade Católica
História, Sociedade e Cultura

REVOLUÇÃO SEXUAL: PARA QUEM?

Elisângela do Nascimento

São Paulo

2010

Pontifícia Universidade Católica
Elisângela do Nascimento

REVOLUÇÃO SEXUAL: PARA QUEM?

Monografia para obtenção do título de Especialista em História, sob orientação da professora Dra. Ana Barbara Aparecida Pederiva.

São Paulo
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dedicado a mais que amiga Vera que soube como historiadora abrir meus horizontes para novas discussões, ao meu namorado Tiago pela paciência e amor, para os meus pais Geraldo e Eva por me ensinarem o valor dos sonhos.

AGRADECIMENTOS

A minha família que, mesmo sem entender para que tantos estudos me proporcionaram momentos de alegria, felicidade e superação através de sorrisos e carinhos.

A nova geração de crianças da minha família, que faz com que acreditemos que as coisas mais simples da vida, são as que realmente importam.

A minha orientadora Ana Bárbara pela paciência, dedicação e participação em cada capítulo, ensinando que é possível levar a discussão além dos muros acadêmicos.

Aos meus amigos do serviço: Ana Aparecida, Cintia, Iara, Milena, Mônica, Patrícia, Renata, Ricardo que souberam entender a cada dia que, quando temos um objetivo não podemos em momento algum deixá-lo de lado.

Aos meus superiores hierárquicos Daniel e Darlene, que me ajudaram proporcionando horas de estudos no momento mais necessário.

A Escola de Comunicação e Arte da USP, que abriu as portas de seus arquivos para a realização de fotografias da revista Nova Cosmopolitan.

Aos meus amigos de pós-graduação: Luciana Vieira, Luciana Ishi e Victor, que em dois anos fizeram sábados intermináveis se tornarem os mais incríveis possíveis.

Serei eternamente grata a todas essas pessoas.

Nenhuma mulher alcança um orgasmo polindo o chão da cozinha.

Betty Friedan

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como os efeitos da Revolução Sexual foram sentidos no Brasil, se de alguma maneira as mudanças de comportamento sofreram alterações após tantos anos de repressão sexual. Para isso voltaremos à década de 60, no auge da revolução para entendermos como as mudanças se deram principalmente na Inglaterra, Estados Unidos e França.

No Brasil o foco será a década de 70, como o pós-revolução sexual chegou para mudar ou dar continuidade às “amarras sexuais” que as mulheres por tantos anos se deixaram aprisionar, porém, não podemos deixar de trazer esse assunto para a discussão sem passar pelas mudanças e/ou permanência masculinas e ir além trazendo as aberturas com o gênero homossexual.

A mídia será o último ponto de colisão entre o que era passado e o que foi realmente absorvido. Com isso a busca de informações será feita através de duas revistas específicas: a Revista do Homem (Playboy) e a revista Nova Cospopolitan, que foram pensadas para dois públicos distintos que ao mesmo tempo se distanciam e se aproximam quando pensamos em sexualidade, sexo, machismo e tradicionalismo.

Palavras chaves: Revolução Sexual, Nova, Playboy, sexualidade, sexo.

ABSTRACT

This work, has the object analyse the effects of Sexual Revolution in Brazil, if the any way the changes of comportment has change after so many sexual repressions.

For that returned to 60's, in the top of revolution for understand how differences happened specifically on England, USA and France.

In Brazil the target will be the 70's, like post Sexual Revolution happened for change or remain the sexual repression for the woman. In fact we can forget the man's change and remains covering until the homosexuality.

The advertisement is the last point of the past and the understing post the Sexual Revolution. That way the search for information will he between two specifics magazines: The Magazine of Men (Playboy) e the magazine New Cosmopolitan, for two differents readers so close and so far when sexuality, sex, masculinity and traditionalism are the subject.

Key-words: Sexual Revolution, Cosmopolitan, Playboy, sexuality, sex.

SUMÁRIO

Introdução	02
1. Os anos 60 no Mundo	09
1.1. Como a questão sexual mudou nos EUA	13
1.2. Como a questão sexual mudou na França	14
1.3. Como a questão sexual mudou na Inglaterra	16
2. Anos 70 ao início dos anos 80 no Brasil	18
2.1. A sexualidade muda e as mulheres?	19
2.2. A sexualidade muda e os homens?	26
2.3. A sexualidade muda e os homossexuais?	31
3. Mídia: as informações através das revistas	35
3.1. Nova Cosmopolitan: anos 70	38
3.2. Playboy: anos 70	54
3.3. Comparativo: Nova x Playboy	64
Conclusão	68
Bibliografia	72

INTRODUÇÃO

Na década de 60 do século XX tem início a Revolução Sexual, no contexto internacional que insere a mulher no mercado de trabalho; induz ao sexo livre com o surgimento da pílula anticoncepcional. Neste mesmo período, ocorre o tão famoso festival de Woodstock, incentivando os jovens a fazer amor e não a guerra.

Os anos 70 do século XX e início dos 80, no Brasil foram marcados por muitos assuntos relacionados à sexualidade, apesar da ditadura militar e da censura imposta. Temas como o sexo e a homossexualidade começam a serem explorados por revistas, voltada para o público feminino que, até então, tinham que se contentar com assuntos como: “fofocas”, prévias dos próximos capítulos de uma telenovela, receitas de comidas ou como ser uma excelente dona do seu lar, agradando o seu marido e deixando os seus filhos mais felizes.

Já as revistas masculinas que estudaremos nesse trabalho, possuem uma abordagem diferente e sabem muito bem como agradar ao pai de família, ao homem bem sucedido e todos que procuram distração depois de um dia de trabalho e “responsabilidades”.

A Revista Playboy consegue suprir as necessidades desse contexto citado, voltada exclusivamente ao público masculino. Mas, qual seria então, a revista que proporcionaria ao público feminino discussões, respostas às infinitas dúvidas (prazeres sexuais, divórcio, família, amantes, amores), que surgiam nesse novo momento.

Nessa época, a Revista Cláudia detinha um número maior de leitores¹, a maior circulação, se destacava no cenário da imprensa Latino Americana, porém, o seu segmento “mundo doméstico” não é mais compatível com uma mulher que está passando por transformações internas e externas. Elas precisam de mais, precisam se conhecer como mulheres e não apenas como esposas e mães.

Com isto, coube a Revista Nova, a segunda maior circulação² desse segmento editorial, a missão de levar ao público feminino um pouco do que os homens já possuíam. A Nova faz parte da rede internacional Cosmopolitan e apresenta a assinatura: Nova/Cosmopolitan – A Revista Feminina mais Vendida no Mundo.

¹ GUIMARÃES, Maria Paula Piotto da Silveira; “Nova”: 30 anos da mulher de 30. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica. p.13

² Ibidem

Para termos uma pequena noção de como a Revista Nova trouxe uma visão diferenciada para a mulher brasileira, basta observar o primeiro editorial que Mesquita analisa em sua dissertação de mestrado:

“(...)nasceu da necessidade de oferecer a mulher brasileira uma companheira útil e atualizada para permitir-lhe o ingresso no fechadíssimo clube das cabeças que pensam julgam e decidem. Até ontem, esse clube estava reservado aos homens, e somente a eles. Hoje, como a Nova, estamos pretendendo oferecer-lhe a chave desse clube. Coragem. Abra a porta e entre. O mundo é seu (...)
Agora duas palavras sobre esta edição. Desde já, NOVA começa a abrir-lhe muitas portas: vai lhe dizer, por exemplo, o que fazer com o homem que você já amou (pág. 116) e como aguardar o desquite dele (pág. 106). Vai lhe mostrar como é fácil morar sozinha (pág. 40) e como escolher um homem usado (pág. 51). (...) Um teste está na pág. 63 para ser respondido com sinceridade “Você é sensual?” Brincando (mesmo?) NOVA vai sugerir a ele 101 maneiras para agradá-la. E lembre-se: ele pode até se ser seu marido!
E os homens nus? Jardel Filho (pág. 102) está de barba e agasalho: mas o que ele diz deixa o rosto aceso de qualquer um. Brados do MLF, sinto muito, não há. Mas Germana de Lamara (pág. 14), fala dos fenômenos e dos rastros que ele deixou, enquanto na pág. 90, Nilcéia Nogueira conta, num depoimento às vezes amargo mas sempre sincero, o que foi a aventura da mulher nos anos 60 (...)”³

Não esquecendo o público masculino, voltemos a Playboy. Foi editada na mesma época da Nova. E o homem que até então era considerado o machão tradicionalista, abre espaço para o homem preocupado com a aparência e o intelecto. Assim que chega ao Brasil, a necessidade de mudar o nome demonstra o contexto da época. Passa a ter como título: Revista do Homem, isso para tentar dissociar a ideia do erotismo da publicação norte-americana. Só em 1978, quando a Abril perde a marca para a editora Três, que finalmente o nome Playboy vem estampado na capa das edições.

Logo em seu primeiro editorial de 1975, a revista deixa claro que não é só uma questão de erotismo e sim de atender a um público masculino que teria uma necessidade de saber um pouco mais sobre: cinema, futebol, bazar, livros, artes plásticas, MPB, música erudita, dinheiro, literatura, mulher, sátira, artigos. Esse foi o primeiro índice da Revista do Homem, onde a mulher aparece só mais como um item da lista de muitas coisas que o homem precisa analisar e observar durante a sua leitura. Mas será que todos esses itens seriam apenas uma maneira de disfarçar o que realmente o público masculino teria interesse quando comprasse a revista?

³ MESQUITA, L. N. M. *A Construção de homens e mulheres na revista Nova: um olhar sociosemiótico*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Comunicação e Semiótica, 2003, p. 16.

Mulher, mas não qualquer mulher e nem de qualquer jeito, mulheres nuas e deslumbrantes!

O objetivo deste trabalho é analisar como as reportagens e as abordagens estão sendo construídas para cada público que a revista está procurando, de que maneira isso acontece durante a década de 70 ao início da década de 80, para assim, conseguirmos responder algumas de muitas questões, como: qual foi a consequência dessa liberação sexual para ambos os sexos? Como era a abordagem da sexualidade nas revistas voltadas ao público masculino e feminino? Eram as mesmas? E a principal pergunta que fica é: Revolução Sexual⁴, para quem?

O trabalho se divide em três capítulos, na primeira parte analisaremos a década de 60 em seu contexto na Europa e na América do Norte, pois entende-se que a influência vêm das mais diversas partes, e assim, passando por fatos históricos para entender as consequências. Uma forma de localização para notarmos o quanto os costumes e as tradições mudam, por mais que tantas pessoas não aceitem ou apenas continuam vivendo sem aceitar essas mudanças.

No segundo capítulo observaremos como a vida no período muda e ao mesmo tempo caminha ao lado da tradição, do machismo, da falta de percepção de que “lá fora” as coisas já acontecem, porém não podemos deixar de lado que o Brasil passa por um dos seus momentos mais difíceis e conturbados: a ditadura. Mas será que mesmo com tanta rigidez e com tanto controle, de alguma forma, homens, mulheres e homossexuais não conseguiram se expressar de alguma maneira?

A mídia faz parte da sociedade, isso é fato, porém como as revistas que são abertas a novas ideias, à discussões mais “picantes”, enfrentam a ditadura e colocam questões extremamente pessoais e íntimas para dois públicos que se enfrentam, se desconhecem e se completam? Neste último capítulo, tentaremos passar um pouco das ideias que eram divulgadas através de duas revistas específicas.

⁴ A Revolução Sexual foi considerada um marco, pois foi na década dos anos 60, do século XX, que a demonstração da insatisfação sexual e comportamental foi colocada em cheque. Países como a França, os Estados Unidos, a Inglaterra e Suécia trazem à superfície assuntos que, até então, eram considerados como tabus sociais: repressão sexual da mulher, desquite, planejamento familiar, sexo livre, virgindade, pílula anticoncepcional, ente outros.

Alguns temas possuem um grau de dificuldade quando se têm a necessidade de se trabalhar com fontes primárias, principalmente quando eram e ainda são consideradas descartáveis, como: jornais, revistas, folhetins, panfletos, publicidades em geral. São fontes de informações diárias, semanais, mensais que não possuíam a necessidade de serem guardadas. Diferente de livros, cartas, diários, fotos, que possuíam cargas emocionais que acompanhavam seus donos durante muito tempo. Infelizmente a nossa fonte primária serão as consideradas descartáveis: as revistas, o que dificultou de certa forma o melhor entendimento da época através de suas informações.

Assim, com grande esforço e com bastante pesquisa, podemos dizer que muito do que discutiremos a seguir não terá só como objeto de observação as revistas, mas sim embasamento em livros de diversos autores que nos farão perceber fatos importantes para a discussão de gênero e principalmente da História das Mulheres, que hoje possui uma gama de informações, mas que durante o período foi deixada de lado, ou simplesmente levada a uma exaltação que desconsidera todo um contexto.

Antes de entrarmos na discussão efetiva sobre a Revolução Sexual e como ela teria afetado a vida de homens e mulheres, vamos nos ater a produções que discutem a questão de gênero para entendermos melhor o que a historiografia nos traz para debater nos dias atuais.

Começaremos citando um trecho retirado do livro: *Gênero em Debate – Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*:

“As profundas transformações sócio-econômicas das últimas décadas alargaram, de forma considerável, a visibilidade social da mulher. A intensificação dos padrões urbanos industriais do mundo contemporâneo criou as condições propícias para a sua inserção acelerada no mundo do trabalho. De “rainha do lar”, a mulher atual vem conquistando, cada vez mais, papéis de destaque na esfera do público.”⁵

A História das Mulheres tenta ser reescrita através de movimentos feministas, porém o que acabam surgindo são produções isoladas que são retiradas de um todo, o que não agradava totalmente a historiografia, que tentará identificar essa História de outra maneira:

⁵ SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 7

“Com a apropriação de categoria “gênero” nas análises historiográficas e a “criação do fato histórico”, a História das Mulheres ganhou historicidade (Scott,1989). Cúmplices desse processo, historiadores e cientistas sociais em geral engendraram métodos e terminologia próprias de análise, advogando em favor das visões de conjunto e dos estudos comparativos. Não esqueceram, entretanto, de frisar que chegar ao significado histórico da participação feminina requer atenção quanto a sua singularidade”.⁶

Interessante analisarmos que a História das Mulheres foi deixada de lado por muitos e ignorada por completo por outros e quando se torna foco de discussões e produções, temos como objeto principal as mulheres e seu modo de vida. Acarretando em produções incompletas, esquecendo que qualquer objeto está contido em um contexto e que quando retiramos desse meio se torna uma História sem base de comparação.

Durante a década de 60 e começo da década de 70, muitos trabalhos foram realizados tentando demonstrar a participação das mulheres em momentos históricos, não só revolucionários, mas também como participantes efetivas de uma mudança cultural e social que estava ocorrendo no interior de cada residência, de cada oficina de costura. Era algo maior que só nos damos conta hoje, pelo distanciamento de décadas que se passaram. No Brasil muitos trabalhos tiveram as suas devidas repercussões na década de 80, onde discutiam principalmente a mulher no cotidiano, as brechas encontradas para que pudessem participar da vida política, social e serem ouvidas ou apenas terem como sobreviver entre tantas disputas de poderes e diminuir a diferença que era tão díspare entre os sexos.

“Destacaram-se também os estudos sobre o papel feminino na família, as relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade. Focalizando a intersecção entre o privado e o público, o individual e o social, o demográfico, o político e o erótico, esses estudos desenvolvidos na historiografia brasileira estiveram mais concentrados na análise do período colonial e início do século XIX e desvendaram em particular as fontes ligadas à Igreja e ao Estado. Já no tocante ao período final do século XIX e começo do século XX, os estudos históricos enfocaram aspectos diversos, destacado a disciplinarização, os padrões de comportamento, os códigos de sexualidade e a prostituição (...)”⁷

Sem dúvida, o desenvolvimento progressivo da vida urbana provocou o enfraquecimento do modelo de família patriarcal originário do mundo rural.

⁶ SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 14

⁷ Idem p. 93-94

Simultaneamente, diminuiu também o sentido de dependência da mulher com relação ao marido, o início do planejamento familiar e a maior aceitação da ideia de separação do casal através do divórcio ou do desquite legalizado.

A residência nas cidades ofereceu à mulher condições mais adequadas para que ela tomasse consciência de seus direitos e se empenhasse também em defendê-los com mais intensidade.

A vida urbana criou também melhores condições para influência dos meios de comunicação social sobre a vida no lar, bem como, começou também a oferecer maiores oportunidades de lazer, através dos clubes recreativos, salão de baile, teatros e cinemas.

Outra alteração significativa nesse período diz respeito à própria sexualidade. Até então, via de regra, as crianças e os adolescentes eram educados numa ignorância completa em relação à natureza sexual do próprio corpo e da própria pessoa humana: o sexo era considerado um tabu. A nova abertura teve por eixo principal as pesquisas científicas destinadas a um maior controle da natalidade. Ainda na área médica, os higienistas começaram a incentivar a prática de esportes, da natação, dos banhos de mar, das roupas leves no verão e da vida ao ar livre.⁸

É justamente o que gostaríamos de observar neste trabalho, que através de diversos fatores a mulher foi conquistando o seu espaço no mundo fechado e exclusivo dos homens, o que envolve também a liberação sexual diante de uma grande repressão da sociedade machista, que perdura até os dias atuais. E quando falamos de sociedade machista, não entenda apenas uma visão de homem diante de mulheres, mas também de mulheres em relação a outras mulheres.

A Revolução Sexual possui esse nome por acreditar que seria um marco em relação a liberação sexual. Porém nem tudo aconteceu dessa maneira demorou à atingir a todos de forma igual. Será que realmente atingiu?

Estudar periódicos foi uma maneira de entender um pouco sobre o pensamento da época, quais eram os assuntos mais discutidos e qual era a sua relevância para seus leitores. Porém gostaríamos de deixar um aviso sobre a análise dessas fontes. Temos que ter cuidado, pois nem sempre as ideias que eram passadas correspondiam as reais necessidades, pois poderia ser apelativo na busca de novos leitores, abordando diversas vezes o mesmo assunto, por se tratar de

⁸ MARCÍLIO, Maria Luiza. *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. Edição Loyola, São Paulo, 1993. p. 101-102

concorrência com outros periódicos. Mas, é algo muito prazeroso e que nos beneficia para chegarmos o mais próximo do entendimento da vida cotidiana para o período analisado.

Capítulo 1 - Os Anos 60 no Mundo

Os anos 60 foram compostos de apenas 10 anos, porém, ao que parece, é que esses “coloridos” anos duraram mais do que a cronologia determina. Seus efeitos, suas causas, seus usos e desusos, seus protestos inflamados, seus festivais, sua cultura ou contracultura⁹, está presente mais do que imaginamos. Temos até a impressão que eles não acabaram, já que muitos sonhos ainda são baseados em efeitos causados nesse período, como: as ideias de “faça amor e não guerra”, tão conhecido até hoje.

Não foi um período que apenas marcou algo ou alguém, mas sim uma geração toda em busca do novo, em busca da liberdade, da vida fora dos bares que os contemporâneos dos anos 50 tanto apreciavam. Eram jovens que protestavam contra tudo o que fugia dos seus ideais e que desejavam providências imediatas. Não estavam para brincadeiras, tudo tinha um porque e para que.

Surgiram tendências que marcaram, e que ainda encontram-se presentes nas ruas com diversas mudanças, mas que teve o seu auge nos “loucos” e incomparáveis anos 60.

Muitos acontecimentos merecem destaque, porém por termos como tema a Revolução Sexual, daremos um destaque maior a moda, que até hoje, em pleno ano 2010, está presente em nosso dia-a-dia e que mais do que nunca consegue revelar as questões comportamentais.

A moda desta década foi totalmente voltada para os jovens, para aqueles que estavam presentes e que saíam as ruas não só para protestar, mas também para se divertirem, frequentar bailes e descobrir essa nova sexualidade que estava tão a flor da pele.

As roupas mudam conforme a liberdade chega. As mulheres deixam de usar saias longas e passam a utilizar calças compridas, uma vestimenta destinada exclusivamente aos homens.

Saias curtas com quase dois palmos acima do joelho e com blusas amarradas sob os seios, deixando a barriga de fora:

“Inventou-se a minissaia, uma expressão direta da liberdade emergentes. As moças mostrarem as pernas era um alívio para uma geração criada sob rígidas condições de repressão sexual. As modas dos anos 60 foram exemplares! Pessoalmente fiquei fascinado. Pela

⁹ Um movimento que chega ao seu auge nos anos 60, com a cultura *underground*, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento.

primeira vez – e até agora única – vez na minha vida, assisti a uma legítima subversão dos valores oficiais. O fio dental não é nada, em comparação.”¹⁰

Os jovens pela primeira vez tiveram a sua própria moda, sem ser derivada dos anos 50. A liberação que tanto buscavam vem demonstrada através das roupas. A moda era não seguir a moda, tudo era passível de uso. O “grande barato” foi o lançamento da minissaia, que deixavam as pernas das mulheres à mostra. Outra coisa bem interessante sobre a moda feminina é a questão das lingerie, as calcinhas tornam-se parte necessária das vestimentas, que dava mais conforto e segurança para usar saias curtas, dançar e caminhar.

A moda unissex vem com as calças jeans e camisas sem gola e, para os homens, a tendência foi muito influenciada pelas roupas usadas pelos Beatles: paletós com cinto, gravatas largas e botas. A roupa se torna mais ajustada ao corpo e de camisas de golas altas.

A produção artística, musical e cinematográfica nessa época foi extremamente difundida. A beatle-mania está em seu auge na Inglaterra e suas músicas não são “só para inglês ver”, elas se espalham por todos os lugares, tornando-se uma febre mundial, invadindo principalmente os territórios norte-americanos. Mas, isso não foi exclusividade para os Beatles. Os Rolling Stones, também surgem com força total e conquistando fãs em diversos lugares. Essas duas bandas se tornam a chamada “Invasão Britânica”. A música encontrava-se em frequente experimentalismo, o que a tornava única e suas letras eram cantadas a “todo vapor” por milhares de meninos e meninas.

Barry McGuire
Eve Of Destruction¹¹

“O mundo oriental está explodindo
Deslumbrando violência, acumulando balas,
Você é velho bastante para matar, mas não para votar
Você não acredita na guerra, mas naqueles que estão com aquela arma você aposta
E até mesmo o Rio Jordão tem corpos boiando

Mas você me fala
De novo, novamente, novamente e mais uma vez, meu amigo
Ah, você não acredita
Nós estamos na véspera
de destruição.

¹⁰ MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre: L&PM, s.d. p. 42.

¹¹ Barry McGuire foi um dos músicos que estourou na década de 60, tocando *protest song*. A música citada atacava principalmente o governo norte-americano e a Guerra do Vietnã.

Você não entende o que eu estou tentando dizer
Você não pode sentir o medo que estou sentindo hoje?
Se o botão é apertado, não há ninguém correndo contra
Não haverá ninguém para salvar, como resultado do mundo em uma sepultura,
Dê uma olhada ao redor de você menino
É a fronteira para assustar você garoto

E você me fala
De novo, novamente, novamente e mais uma vez, meu amigo
Ah, você não acredita
Nós estamos na véspera
de destruição

Meu sangue está tão louco como se coagulasse
Eu estou me sentando aqui apenas contemplando
Você não pode torcer a verdade, não sabe nenhum regulamento.
Um monte de senadores não mudam a legislação
E apenas marchas não podem trazer integração
Quando o respeito humano é desintegrado
Este mundo louco inteiro há pouco é também frustrado

E você me fala
De novo, novamente, novamente e mais uma vez, meu amigo
Ah, você não acredita
Nós estamos na véspera
de destruição

Imagine todo o ódio que há na China Vermelha
Depois dê uma olhada para Selma, Alabama,
Você pode partir daqui para quatro dias no espaço
Mas quando você voltar, este será o mesmo velho lugar
A batida do tambor, a arrogância e desonra
Você pode enterrar seus mortos, mas não cobrir um rastro
Odeie seu vizinho do lado, mas não esqueça de pedir perdão
E... me fale de novo, novamente, novamente e mais uma vez, meu amigo
Você não acredita
Nós estamos na véspera
De destruição
Não, não, você não acredita
Nós estamos na véspera
de destruição”

Os artistas desta época utilizavam as suas obras como provocações, que estimulavam a conscientização do espectador, do que estava acontecendo nesse momento e, algumas vezes, chegavam a agredir aos seus espectadores.

“(...)por exemplo, Vergara fez um furo na parede e botou um cartaz pedindo aos espectadores que olhassem o que tinha nele. E era um buraco bem baixinho, a pessoa tinha que ficar de forma ridícula, meio ajoelhada para poder olhar no buraco ponto. E lá, quando o sujeito olhava, estava escrito, qualquer coisa como: ao invés do Sr. ficar

nessa atitude ridícula, olhando neste buraco, porque não toma uma atitude em relação às coisas que estão acontecendo em sua volta.”¹²

Os filmes vêm com objetivo de trazer os jovens de volta as salas de cinema, e uma forma que se encontrou, foi produzir filmes que mostrasse a transgressão que fazia parte da sua realidade. O primeiro nu frontal é mostrado nas telas de cinema no filme *Blow-up*, do italiano Michelangelo Antoninione e sua arte vai para os EUA com um grande sucesso. Assim, Hollywood toma uma grande decisão, contratar cineastas jovens para produzir filmes com o mesmo estilo.

Apesar da moda, das festas, das músicas e de todos os momentos de euforia por parte da nova construção desse modelo de jovens, eles não deixaram se levar pelas futilidades, tinham plena conscientização política. Lembrando que esses jovens de quem estamos falando eram pertencentes, em sua grande maioria, à classe média e que estavam presente nas universidades.

Esse foi o período em que mais vezes os jovens foram para as ruas protestar contra os regimes políticos impostos e as decisões tomadas por grandes líderes políticos. A guerra do Vietnã foi o ápice do descontentamento e que motivou o protesto desses jovens. Os jovens nos EUA começam a protestar através de um grande movimento pacifista: deserção e desobediência civil.

Em Paris este momento político ficou marcado pelo Maio de 68, quando diversos estudantes vão às ruas protestar contra o autoritarismo e acabam recebendo um forte apoio de operários e intelectuais, transformando as ruas de Paris em uma verdadeira guerra civil contra as tropas do governo.

A França não era a única que estava passando por esses momentos de insatisfação, toda a Europa estava em turbulência:

“Fatos semelhantes ocorriam na Itália, na Inglaterra, na Alemanha. No Leste, a insatisfação com os métodos das burocracias governamentais e partidárias despertava a oposição estudantil e operária revelando sinais de desgaste no campo da experiência socialista (...)”¹³

No Brasil, estudantes, apesar das perseguições, prisões e julgamentos militares, continuaram com os seus protestos e encontros em universidades para denunciar os abusos que aconteciam, da necessidade de reestruturação do ensino e até mesmo para colocarem a seus afrontamentos contra ao governo ditatorial (esses

¹² HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.28.

¹³ Idem p.70.

encontros de oposição do governo eram realizados clandestinamente). Contudo, assim como em todo o mundo, foi em 68 que realmente os movimentos estudantis brasileiros ganharam força total, juntaram-se aos protestos dos norte-americanos contra a Guerra do Vietnã.

Os anos 60, como descrito brevemente, já que estas poucas folhas não podem ter a audácia de falar de uma década que não coube nela mesma, foram marcados pelos seus acontecimentos nas mais diversas áreas no mundo. Mas ainda, existe mais um ponto que gostaríamos de discorrer, é como a questão sexual mudou com toda a libertação, liberação e liberdade que esses 10 anos proporcionaram diante de tantas décadas de repressão sexual.

1.1- Como a questão sexual mudou na Inglaterra

Inglaterra para ser mais preciso, Londres era a cidade mais desejada pelos jovens nesse período, a moda estava no auge e espalhava tendências por todos os locais, era o lugar onde as pessoas desejam estar.

As artes, a música, o teatro, o cinema tudo se torna uma expressão do indivíduo, refletindo a geração que está surgindo. As repressões diante os valores e prazeres, estão com os dias contados. O célebre: sexo, drogas e rock'n roll, vêm para romper radicalmente com o passado.

“A atividade sexual rompia a barreira do papai-e-mamãe até a perversão polimórfica, preconizada por pensadores importantes como Herbert Marcuse e Norman O. Brown; muitas drogas psicotrópicas naturais ou químicas, deixaram de ser atribuídas diretamente ao Demônio só porque haviam sido colocadas fora da lei dos homens e passaram a ser usadas para o lazer ou a descoberta espiritual; o rock assaltava os corpos, através dos ouvidos com sons elétricos que exigiram uma verdadeira mutação no sistema nervoso do público. Tudo era posto em questão. A farsa em que a geração havia sido formada era desmentida – e com arte!”¹⁴

É descoberto o sexo como algo bom e que era possível de ser realizado como parte de um prazer carnal, sem ser considerado um pecado e apenas para a procriação, pois essa idéia, até alguns anos era muito difundida entre as famílias. O medo ao sexo por sexo era um fantasma que rondava essa sociedade. Freud dizia que a repressão sexual era necessária para o bom funcionamento da civilização.

¹⁴ MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre: L&PM, s.d. p. 43-44.

Mas a moralidade junto a antiga repressão vem trazendo a AIDS como um fator de culpa e de autopunição por tanta liberdade sexual. Esse assunto será muito difundido nos anos 80, que olhará para a década de 60 como a maior culpada.

A Inglaterra nos dá a impressão de uma sociedade conservadora, apesar de toda a Revolução Sexual ter ocorrido. A preocupação de seus governantes é tentar reduzir o número de adolescentes grávidas, o que gera um custo altíssimo para os cofres públicos. Uma das maneiras encontradas para isso foi sugerir alternativas sexuais, como por exemplo, o sexo oral.

A educação também será atingida com uma nova lei que entrará em vigor em 2011, tornando obrigatória a educação sexual para as crianças a partir de sete anos.

1.2 - Como a questão sexual mudou nos EUA

“A viagem à Lua foi um sonho acalentado por muitas gerações até que os 60 tornassem realidade, da mesma maneira que décadas de repressão crescente, cada vez mais opressivas, foram finalmente postas em questão, naqueles anos, e respondidos com uma decidida revolução dos costumes.”¹⁵

Os EUA conseguem mandar o homem para a Lua e fincar uma bandeira diante de muitos telespectadores que assistiram boquiabertos como seria possível tal realização. Porém, eles ainda ficaram mais surpresos diante de tantas mudanças e feitos que prometia essa década.

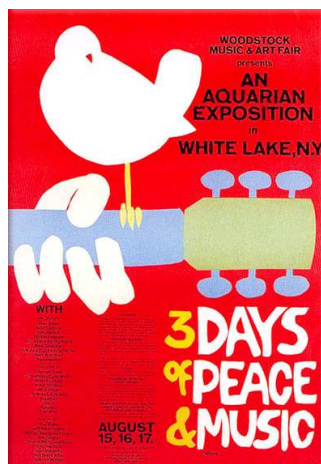
Todo um comportamento que os anos 50 tentaram manter, os anos 60 vieram bater de frente: costumes, hábitos, família e sexo. Tudo foi colocado em pauta nesse período. Os pais não entendiam de onde vinha tanta mudança e que efeitos elas causariam. Porém, seus filhos entendiam e sabiam muito bem o que desejam para essa nova fase.

Os EUA são invadidos pelas músicas e bandas inglesas, o que se torna um fascínio para surgir músicos nativos e que sempre darão um toque especial a todo esse clima de novidade.

Hoje, em pleno século XXI, podemos enxergar como dois fatos importantes marcaram a questão sexual especificamente nos EUA: o festival de Woodstock e a pílula anticoncepcional.

¹⁵ MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre: L&PM, s.d. p. 43.

Um dos festivais que mais marcou gerações e que até hoje é lembrado foi Woodstock (1969 – nessa mesma data inaugura o Museu de Arte Erótica do mundo). A promessa era três dias de muita paz e música, que acaba se transformando no “paz e amor” regado a muita música. Traz um clima de sexo sem culpa, com prazer, sem medo, sem inibição e com muita liberdade. A música acontecia nos palcos e a vida nos 600 acres de Max Yasgur, na cidade de Bethel (Nova York), era muito mais efervescente. Descubra os prazeres do sexo sem a repressão, que até então, era imposta.



Cartaz do Woodstock, 1960.

Fonte: <http://anos60.wordpress.com/2009/04/25/woodstock/>

A pílula tem seu lançamento no período mais propício e no país onde as mulheres estão buscando uma maneira de como livrar-se do fardo da reprodução e da vida restrita as suas casas. As críticas foram diversas, era praticamente entregar uma carta de alforria para dezenas de centenas de mulheres. O problema que surge é: como controlá-las? Não é possível.

O planejamento familiar começa a ser uma prática e o sexo torna-se um desejo que pode ser moldado a vontade de ambos os sexos e não apenas dos homens, intitulados como: cabeças pensantes.

A sexualidade mudou nos EUA isso é fato, porém, até que ponto os jovens norte-americanos sabem utilizar essas mudanças para aproveitar ao máximo todas as conquistas?

Os norte-americanos continuam preocupados com a questão sexual que mantêm o Instituto Kinsey¹⁶, local onde se realiza pesquisas sobre Sexo, Gênero e Reprodução, que foi muito importante durante o período da Revolução Sexual.

1.3- Como a questão sexual mudou na França

“Maio de 68 foi uma demonstração brilhante da doutrina espontaneísta. Não foram necessário filósofos, teorias, ideologias ou mesmo, palavras de ordem para que o movimento brotasse, crescesse e atingisse o seu clímax, envolvendo todo o país, colocando o poder em cheque e espalhando seus efeitos libertários na juventude de praticamente todo o mundo. Assistimos, então, à formação espontânea do que Sartre chama de grupo e, fusão, na Crítica da Razão Dialética. O rompimento das cadeias ideológicas permitiu o florescimento de uma nova visão política que proibia proibir e colocava a imaginação no poder. Esse processo foi fundamental para toda uma geração que, ao enfrentar corajosamente a repressão externa, era obrigada, por questão de sobrevivência, a atacar com energia as suas repressões internas, a livrar-se delas, se possível. A política anarquista, no bom sentido, de 68, tinha uma dimensão espiritual. Nossa alma queria ser livre.”¹⁷

Betty Friedan gritava de um lado, Simone de Beauvoir de outro. Entre os ativismos femininos e escritos filosóficos, a década de 60 emanava transformações sob o grito de “igualdade”.

Apenas em 1967, poucos meses antes do início dos protestos de Maio de 68, a venda da pílula era aprovada na França. A grande invenção, que permitiu a liberação da mulher, conduziria à grande Revolução Sexual inaugurada pelo Maio de 68 e pelo Verão do Amor.



Feminista 1968

Fonte: Sexos a Trama da Vida: uma questão de gênero, nº 3, Duetto, 2008. São Paulo. p. 26

¹⁶ Alfred Charles Kinsey foi um entomologista e zoólogo norte-americano.

¹⁷ MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre: L&PM, s.d. p. 81.

Muitos livros nos trazem informações que a França foi um dos primeiros países a introduzirem a Educação Sexual (século XVIII) nos colégios, porém o objetivo não era ensinar, e sim fazer com que as crianças através da ignorância, deixassem de conhecer o seu próprio corpo, mantendo a sua pureza por mais tempo.

Hoje as coisas mudaram, a ignorância sobre o sexo não faz mais parte do dia-a-dia francês. Uma das últimas novidades é o café-sexos (Paris), aonde as pessoas encontram-se para trocar experiências, conversar, tirar dúvida, sem comprometimento ou vergonha, com acompanhamento de psicólogos. Isso acaba facilitando muito a não propagação de inverdades no cotidiano parisiense.

Mai de 68 foi um divisor de água para os franceses e francesas, trazendo à tona todas as formas de pensamentos e vontades. O divórcio é possível e está ao alcance de todas as mulheres. A necessidade de se sentir escrava de um casamento falido não faz mais parte do cotidiano.

A França, assim como nos EUA e na Inglaterra tiveram as suas culturas e padrões de sociedade alterados, após a década de 60. Agora temos que nos questionar: para quem a Revolução Sexual aconteceu realmente? E quais foram as diferenças trazidas por esta Revolução aos homens, mulheres e homossexuais? Já que temos como definição que, as mudanças na prática não ocorrem iguais a todos.

Capítulo 2 – Anos 70 ao Início dos Anos 80 no Brasil

Os anos 70 se iniciam com a continuidade do regime que o Brasil já passava desde a década de 60. A repressão toma conta de todos e de tudo, a vida não é mais a leveza da "pena branca da paz" que os anos 60 traziam como principal bandeira. As manifestações são abafadas e os gritos de liberdade, igualdade e efervescência foram sufocados pelo AI-5¹⁸, que estava em auge nessa época. Muitas pessoas sumiram durante os interrogatórios e outras tantas tiveram que sair às pressas do país.

Não foi uma década de flores e nem de amores, mas foi uma década que teve uma importância primordial internamente. Após passar a primeira metade da década de 70, alguns movimentos começaram a surgir ou ressurgir. As passeatas voltam para as ruas e os operários do ABC paulista, insatisfeitos com a política salarial, dão início as greves, onde cada vez mais conseguem ter um poder expressivo perante a sociedade.

Novos líderes surgem diante desses movimentos grevistas, e um desses será Luiz Inácio da Silva, que será conhecido como Lula, que nesse momento já estava na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos.

Mas nem tudo os militares conseguiram controlar ou enfraquecer. Os costumes, as culturas, o modo de vida, principalmente da classe média urbana e universitária, acontecia independente das ordens impostas pelo governo ditatorial. Eram jovens de todas as partes, de diversas ideologias: neo-hippies, jovens de esquerda, militantes como "ar que respiravam" e outros tantos que participavam de sessões de sexos grupais e com ausência de vínculos amorosos ou estáveis como casais.

Mas a principal herança que o anos 70 usufruirá com toda a intensidade, será a Revolução Sexual, com base em propostas do psicanalista Wilhelm Reich, que pregava o "sexpol"¹⁹. Defendia a ideia de que a servidão voluntária só existe porque as pessoas são reprimidas sexualmente.

Se somos reprimidos sexualmente, não conseguimos obter a nossa essência por completo e acabamos nos submetendo e sendo submissos a um montante de

¹⁸ Ato Institucional número 5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Foi considerado o mais duro golpe na democracia e deu poderes quase absolutos ao regime militar.

¹⁹ Um serviço de orientação sexual para os jovens militantes do Partido Comunista.

informações prontas e acabadas, sem termos, no mínimo, a consciência de tentar questionar ou trazer uma nova discussão.

A indústria do entreterimento será uma peça chave e uma das mais beneficiadas. O prazer e o gozo serão vendidos a qualquer preço e a qualquer pessoa. Não que a prostituição deixou de existir em algum momento, mas agora será mais que nítido a sua participação no contexto social.

A Revolução Sexual aconteceu e beneficiou a todos que vieram depois, porém ela não deixa de cobrar um preço muitas vezes caro pela sua existência. A virgindade agora era perdida sem culpa e, muitas vezes, sem amor. Casar virgem não se torna a base de um relacionamento para as moças. Transar com outros rapazes sem ser namorados é a maior “curtição”.

Contudo, a dor, o amor, o ciúmes, a vida em casal, tudo isto se torna mais complexo. Todos tinham que ter uma “cabeça mais aberta” para aceitar que tanto homens quanto mulheres poderiam ter outros parceiros e que, ser deixados, teriam a mesma facilidade da conquista. E sem falar do sexo a qualquer hora e em qualquer lugar que traz uma “obrigação”, para a demonstração de liberdade sexual. Ser ativo é sempre ter prazer e nunca se negar. Pois, agora tudo pode e todos podem. Mas será que isto realmente acontece na prática? São todos que estão incluídos nesse contexto?

2.1 – A sexualidade muda e as mulheres?

“(…) às iniciativas que surgiram em face da falta de escolas públicas, principalmente de instituições educacionais voltadas para o entendimento de crianças pequenas, como creches e pré-escola. Várias dessas iniciativas surgiam vinculadas aos movimentos de luta por creches que se configuram em fins da década de 1970, tendo como principal protagonista mulheres dos setores populares, donas de casa e mães que se organizavam em movimentos para reivindicar do Estado esse atendimento. (...)”²⁰

Neste pequeno fragmento podemos notar uma mobilização das mulheres em relação à educação de seus filhos, o Estado não proporcionava locais para que as crianças ficassem enquanto as mães saíam para o trabalho. Essas mulheres se organizavam nas comunidades, instituindo redes de creches mantidas por elas mesmas sem ajuda alguma do governo.

²⁰ RISÉRIO, Antônio et al. *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 162.

O comportamento social muda, as ideias mudam e a realidade junto com as novas personalidades ajeitadas para esse período também mudam. Porém, será que as mulheres na questão sexual trazem para o seu dia-a-dia, essas mudanças?

Da década de 60 até o início dos anos 70, a falta de fontes sobre a participação das mulheres durante esse período é extremamente escassa, e o que justifica esta falta de informações são as repressões severas que a maioria das organizações de mulheres com objetivos políticos sofreram pela ditadura. A única que conseguiu sobreviver a toda essa pressão foi o Conselho Nacional de Mulheres, porém, com pouco poder de decisão e praticamente nenhuma discussão sobre a questão da mulher diante da sociedade e sobre ela mesma.

O grande momento que se dá para a abertura de discussões, indo além dos muros das universidades, será no ano de 1971, quando Betty Friedan vem ao Brasil para lançar o seu livro: A mística feminina. Pela primeira vez presencia-se a busca da discussão em relação às condições das mulheres especificamente no Brasil.

O que se sabia, até então, sobre os movimentos feministas, eram as informações recebidas dos países industrializados através da mídia, vinculando ideias estereotipadas que a classe com maior poder tinha interesse em passar, como: grupos de mulheres que se organizavam contra os homens; queima de sutiãs; prática do lesbianismo ou, não eram mulheres de verdade e sim “machões de saia”, que faziam tudo isso porque, na verdade, eram mal amadas.

Nesse contexto externo que as questões relacionadas às mulheres terão um foco diferente, a mídia (jornais impressos, revistas, telejornais, rádio) envolve-se no debate, porém sempre defendendo uma ideia conservadora, o que gera grande polêmica, principalmente entre jovens que já vinham partilhando de uma nova consciência de liberdade e igualdade para ambos os sexos.

Esse só foi o início do que a mídia ainda daria foco. As manchetes mudam trazendo diversas polêmicas relacionadas aos problemas sexuais e comportamentais.

O sexo já era algo muito discutido entre os homens, mas ainda um tabu entre as mulheres, apesar de tudo o que já foi discutido, até então, neste trabalho. Percebemos que as portas se abriram, mas ainda possui grades que só dão acesso a luz que vêm de fora.

Como dizer para o marido ou namorado que estava simplesmente sem vontade de ter relações sexuais ou que o prazer que sempre foi demonstrado não

passava de uma grande encenação, apenas pelo medo de abrir o leque de opções sexuais do seu parceiro fora de sua casa.

Uma pesquisa realizada por Dêlcio Monteiro de Lima e publicada pela Revista Homem de 1977, consegue deixar claro o quanto que nossas antepassadas lutaram para abrir nossos horizontes e como ainda possuímos uma insegurança tão grande em relação a vida conjugal:

ARTIGO / Dêlcio Monteiro de Lima

**APENAS
2% DAS MULHERES
BRASILEIRAS
CONHECEM
A PLENITUDE DO
ORGASMO**

“(…) O certo é que, embora muitas mulheres não saibam ao certo o que seja o verdadeiro orgasmo (por nunca terem experimentado), a maioria delas se frustra com a insatisfação sexual, mas não permite que isso seja notado pelo parceiro. É que aprenderam a fingir, a simular, para não ferirem o orgulho machista, suportando a insatisfação com todo o estoicismo possível. Mas há as que reagem e, com habilidade, adotam subterfúgios para evitar o ato sexual, escapando ao assédio masculino por todos os meios, como aquela mulher de banqueiro que, fingindo ter adotado radicais idéias anticapitalistas, passou a questionar a atividade do marido. As discussões sempre aconteciam na hora de ir para a cama. O bate-boca esquentava, os dois brigavam e, na cama, cada um ficava para seu lado, exatamente como a mulher queria.”²¹

E ele continua a sua pesquisa falando sobre o cuidado que muitas mulheres possuíam em relação ao que fazer na cama, para não ser questionada pelo seu marido:

“(…) A pesquisa mostrou que a mulher brasileira é extremamente cuidadosa no relacionamento sexual, por medo de que o menor descuido possa comprometê-la de forma irremediável com seu parceiro. Certo ou errado, as mulheres (especialmente as esposas) devem praticar e cultivar apenas o que aprenderam com seus homens. Se a mulher, por uma informação recebida ou descoberta intuitiva, faz alguma coisa diferente na intimidade conjugal, o monstro verde do ciúme sai do seu covil.”²²

²¹ Revista do Homem, nº 20, ano II, março, 1977. São Paulo: Abril. p. 116

²² Idem. p. 116

A passividade também tomava conta da rotina sexual, elas por muitas vezes se policiavam para não dar a impressão que não tinham casado virgem ou que estavam tendo novas experiências com outro homem durante o período de seu casamento. E quando o seu marido não estava se saindo bem na cama, de quem era a culpa? Claro, de sua esposa frígida e que sempre admitia como sendo a maior culpada dessa falta de vigor de “seu homem”.

Um dos meios de se refugiar da insatisfação sexual que ocorre em seu casamento é a masturbação, que, até então, era muito recorrente entre os jovens e que começa a ganhar novas adeptas a essa prática. Assim, como a venda crescente de vibradores²³ para o mesmo público.

E depois de tudo o que foi dito, poderíamos pensar que a infidelidade poderia ser um ponto primordial para assegurar muitos matrimônios nesse período. Contudo, o que Délcio M. de Lima nos demonstra é que, apesar da infelicidade e da falta de prazer apenas 5% são desquite por adultério. Elas continuam levando a risca a sua fidelidade, por ainda possuir medo de tornar-se uma mulher desquitada e ter a sua imagem descaracterizada diante a família e a sociedade.

Mas será que todas as mulheres pensam dessa maneira? Nenhuma mulher foi além das quatro paredes que as detinham e colocaram assuntos como casamento, filhos e família em segundo plano? Se tornando apenas uma verdadeira mulher madura, independente e sem pensar no que os outros comentavam?

Sim, essas mulheres existiram em uma pequena minoria que traziam para si o que era de direito: a liberdade de expressão sexual. Elas não eram muitas, mas ganhavam destaque quando resolviam colocar “suas asas de fora”, por mais que a maioria ainda encontrava-se entre a insegurança e os cuidados com os falatórios de amigos, parentes e do próprio cônjuge.

Uma dessas mulheres que terá todos os holofotes voltados para as suas atitudes será Leila Diniz, que apesar de sua morte precoce em 1972, aos 27 anos, marcou profundamente uma nova geração que ainda se colocava como vítima da sociedade machista. Seu auge foi nos anos 60 com diversas entrevistas, quebras de

²³ O primeiro vibrador era a vapor e foi inventado, em 1869, por George Taylor que lhe chamou “O Manipular”, em resposta ao desejo dos médicos de acelerar o processo de cura para a “histeria”, que até então era mecânico. No início do século XX (1902), a empresa americana Hamilton Beach patenteou o primeiro vibrador elétrico, inventado por Kelsey Stinner, e que era vendido a varejo – fazendo com que o vibrador se tornasse o quinto “eletrodoméstico” a existir (mesmo antes do ferro elétrico).

tabus, frases desconcertantes, ideias avançadas para o seu período. Porém, as marcas foram deixadas e levadas além dessa década.

Veja a entrevista marcante, concedida ao Pasquim, por volta dos anos 1970, quando falou sobre sexo abertamente. Segue trechos:

Jaguar: Quantos casos você já teve, depois da separação? (Falando de Domingo Oliveira)

Leila: Casos mil; casadinha nenhuma. Na minha caminha, dorme algumas noites, mais nada. Nada de estabilidade. (...)

Sérgio: Você é uma mulher extraordinariamente bonita e faz papéis “sexy” no cinema. Em consequência, você recebe muitas cantadas aí pelas ruas, nos bares da vida, etc...

Leila: Recebo muitas. Aliás acho uma (*)²⁴ fazer papel “sexy”. O negócio não tem nada a ver com fazer bonequinha, carinha, etc. O negócio é outro: um negócio de pele, olho, um negócio que eu não sei bem o que é, não. Mas recebo cantada sim. É muito engraçado. Às vezes, enche. Em São Paulo, você recebe muito mais.

Se eu quisesse (*), eu estava rica. Em São Paulo, o que liga pro hotel é industrial, fazendeiro, etc. pra dizer: companheiro, o caso não é esse, não é bem assim, etc. Eu fico danada. Um dia disse para um cara: meu amigo, se você por acaso me encontrasse, fosse ao cinema, fosse jantar, etc. eu até podia dar pra você, mas assim não. O cara naquelas de vamos e tal, aí já fica chato paca, não é? O cara querendo pagar fica uma (*), deve ser um (*) de cama. (...)

Sérgio: Na sua novela, a personagem foge com Zózimo Bobul. Na Europa, isso é moda há muito tempo. Eu pergunto: há alguma diferença sexual do negro e do branco?

Leila: Eu só tive um homem negro e não vou comparar meus homens porque é sacanagem. Dizem que os negros têm mais potencialidade e etc. Eu acho que é a mesma coisa. Depende do cara. Nesse negócio não tem nada a ver. Tem uns que são bons de cama, chega lá e não combina. Esse negócio depende muito. O negócio é aquela ligação, está na pele. (...)

Jaguar: Quando eu conheci você, Leila, você não dizia palavrão.

Leila: Sempre disse palavrão, Jaguar, você está enganado. Dizia menos. Com o tempo, fui ficando desinibida e mais segura

Jaguar: Foi seu psicanalista que mandou você dizer palavrão?

Leila: Não. Faz muito tempo que eu não faço análise. Eu me desinibi dançando, dançava paca, você sabe disso; no mar, na praia, etc, tinha atitudes físicas pra me desinibir, eu (*), nadava dançava. Fiquei mais segura e me expressei, agora, como eu tenho mais vontade. Eu acho o palavrão gostoso e é uma coisa normal pra mim. Quando ouvi um pedaço dessa gravação fiquei até um pouco chocado mas quando eu falo eu não sinto que estou dizendo palavrão. É gozado: meu pai, por exemplo, não fala palavrão. Lá em casa não se dizia nem cocô: a gente falava fezes. Tinha que ser tudo naquela base, que são palavras muito mais feias do que palavrões. Mas o palavrão virou verdade em mim e quando as coisas são verdade as pessoas aceitam. Então meu pai aceita, embora ele não fale nem cocô. Morre de rir, bate-papo comigo e tal. De vez em quando ele diz: não dá pra você falar de outro jeito? Aí eu digo: ah (*) pra isso. (...)

²⁴ (*) leia-se como palavra de baixo calão ditas durante a entrevista e que não foram publicadas.

Jaguar: Amar e ir para cama não é a mesma coisa?

Leila: Não. Eu acho bacana ir pra cama. Eu gosto muito, desde que dê aquela coisa de olho e pele, que eu já falei. Agora, sobre o amor, eu não acredito nesse amor possessivo, acho chato. Você pode amar muito uma pessoa e ir para cama com outra. Isso já aconteceu comigo.

Sérgio: Você é contra a fidelidade?

Leila: Não. Quando o negócio está bacana, geralmente eu sou fiel. Quando eu estou com uma pessoa, eu fico muito ocupada com ela. E eu sou muito de me ocupar. Agora, a idéia do amor é geralmente tão possessiva que me irrita muito. Detesto aquele negócio do saber hora, o que fez etc...

Jaguar: E você esta imunizada contra isso?

Leila: Qual nada! Quebro a cara toda hora. Mas eu só me arrependo das coisas que eu não fiz. Das coisas que fiz, não me arrependo de nada. Só me arrependo do que deixei de fazer por preconceito, problema e neurose. Já amei gente, já correei essa gente e elas entenderam e não teve problema nenhum. Somos todos uma grande família.

Jaguar: Você disse há pouco que, às vezes, é bom ter um maridinho do lado?

Leila: Eu não sou uma pessoa vinda de Marte. Eu nasci em 1945 e fui criada por uma família burguesa, razoavelmente bacana, mas eu tenho todos esses problemas dentro de mim. Evidentemente, eu também procuro um pai, um pouco. Tanto eu quero isso, que eu sou sozinha. Mas, pra mim, são mais importantes as coisas que eu acredito. Por isso, eu abro mão dessa proteção pra continuar no meu caminho. Mas, às vezes, dentro da sociedade que a gente vive, é bacaninha você ter um homem do teu lado, nem um homem- viu?- um companheiro, um treco bacana. Alguém que diga: está pegando fogo? Então vamos apagar juntos. O maridinho que eu quis dizer é isso. (...) ²⁵

Tudo em Leila Deniz era intenso. Além dessa entrevista, ela gerou uma grande polêmica após se deixar fotografar em Copacabana, onde ela exaltava a sua barriga de grávida vestindo apenas um biquíni e um chapéu.

²⁵ <http://www.sem cortes.com/?p=131>. Acesso em 15/07/2010, 11:49.



Leila Deniz grávida na praia de Copacaba-RJ, anos 70.

Fonte: <http://www.lazerbeleza.com/2009/02/25/leila-diniz-uma-revolucionaria-de-biquini/>

E depois pousando grávida, porém agora sem seu biquíni, completamente nua, nos passando a ideia de total liberdade e sem motivos algum para ter vergonha do que está fazendo.



Lélia Deniz grávida, pousando nua, anos 70.

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://1.bp.blogspot.com/>

Ambas as fotografias tiveram uma repercussão enorme, por serem entendidas como um desaforo à sociedade. Contudo, não foram só os homens que deram o tom agressivo ao que estava acontecendo. Muitas mulheres achavam uma

afronta à moralidade. Sendo agredida verbalmente com palavras de baixo calão e recebendo muitas críticas de feministas.

E não deveria ser assim? Colocar na prática o que até então era discutido e apenas falado? Porém, não foi assim que ocorreu com Leila Diniz, todas as suas atitudes eram vistas com olhos desconfiados e cheios de preconceito que a difamava; e não conseguiam perceber que era apenas uma mulher a frente de seu tempo com atitude e com voz. Ela mostrava como era possível quebrar tabus e ir além do que era considerado “correto”.

Assim, após esses acontecimentos, podemos entender que a sexualidade mudou sim, muitas foram às frestas que se abriram, diante de uma escuridão que até décadas passadas as mulheres permitiram. As feministas no Brasil surgiram com força total após a forte repressão da ditadura. Todos os fatos e acontecimentos vêm com objetivo de se trazer uma nova realidade para essa mulher, que até então, não tinha como se fazer ouvir.

O pós Revolução Sexual no Brasil não foi de imediato, as coisas demoram a acontecer mais do que poderíamos imaginar e uma coisa era clara: se as mulheres não queriam mudar, os homens não se abalavam por isso, pois, a satisfação de ter sua mulher sempre linda, zelosa e fiel dentro de sua casa era algo que todos desejavam.

A continuidade com certos costumes e medos ainda faziam parte da rotina das mulheres apenas desse período? Será que todos os tabus foram quebrados no século XXI? São perguntas que não serão trabalhadas neste momento, porém é de grande valia se questionar e avaliar o que mudou e as continuidades que ainda carregamos para as próximas gerações.

2.2 – A sexualidade muda e os homens?

Há os homens, como não falar deles tão machistas e conservadores, porém é parte importante neste trabalho, pois fazem parte de todo um contexto que não só as mulheres passaram.

A vida sexual dos homens sempre foi mais aberta, mais espontânea e quem era realmente homem teria que falar sobre, pois, ser casado e ter mais que uma mulher fora de sua casa era praticamente “obrigatório”.

Porém, o machismo era parte dominante, pois eles poderiam sair com outras mulheres ou ter aventuras fora do casamento, mas se sua esposa (descrita no capítulo anterior) fizesse igual, seria motivo de desquite e julgamentos. E outro ponto, ser deixado não fazia parte desse histórico, isso era algo que ia além da imaginação, era um desafio.

Délcio M. de Lima nos traz um relato bem interessante sobre esse assunto. Dizendo que os homens são “quadrados” sexualmente dentro de suas casas, deixam as novidades que aprendem apenas como maneira de conquistar outras mulheres. E quando encontram mulheres que sabem mais do que eles, fazendo coisas que desconhecem, a única saída é a fuga.

Muitos homens dessa época não admitiam que possuísem algum tipo de problema sexual, como já dissemos, se isso acontecia, a mulher sempre seria a culpada. Então, o único jeito seria submetê-la a psicoterapia para corrigir esses desajustes sexuais, porém, isso não durava muito tempo, a possibilidade da mulher ficar mais informada do que ele ou de acabar tendo um caso com o médico, o perturbava mais que a vontade de “ajudar” sua esposa.

A vontade de ser sempre um homem ativo e que não necessitasse da procura de um médico, como as suas companheiras, os fazia pagar um preço muito alto. A quantidade de homens que acabavam parando nas mãos de um clínico crescia, resultado da utilização de aparelhos ou remédios que controlassem a ejaculação ou em outros casos de queimadura nos testículos por pomadas e, ainda, irritações e/ou inflamação do ânus e do reto pela utilização de supositórios que prometiam fazer milagres.

Uma discussão que sempre afligiu e ainda aflige é a relação ligada ao tamanho do seu pênis, pois a ideia de quanto maior e mais volumoso possa atrair não só uma quantidade maior de mulheres, mas também fazer com que a comparação com seus iguais sejam de superioridade. Porém, o problema desta visão do quanto “maior melhor” acabava os levando por um caminho incerto e frustrante.

A incerteza vinha de saber se o que seus amigos falavam era realmente verdade, o que gerava a curiosidade e apego as fantasias desenhadas nas mesas das noites boêmias. E a frustração acaba ocorrendo diante da grande expectativa que o encontro sexual poderia gerar, causando até disfunções sexuais (falha de ereção e ejaculação precoce).

A vida sexual da maioria dos homens se iniciava muito cedo e, geralmente, não era dentro de um casamento, mas sim com prostitutas ou até mesmo com alguma empregada que trabalha na casa de seus pais. Segue alguns dados:

Início das Relações Sexuais Anos 70

Idade	Homem	Mulher
Antes dos 15 anos	44%	0%
Entre 15 e 20 anos	54%	38%
Entre 20 e 30 anos	2%	62%

²⁶

Olhando esta tabela, conseguimos identificar como era diferente a idade de iniciação sexual. A grande porcentagem masculina estava perdendo a virgindade antes do casamento e muito cedo. Já a grande maioria das mulheres esperava o seu casamento para começar a possuir uma vida ativa sexualmente.

O cinema também estava no cotidiano destes homens, era uma maneira de instigar as fantasias mais secretas ou às vezes nem tanto. Mulheres como Vera Fischer eram as musas do erotismo e dos filmes de pornochanchada.

Esses filmes eróticos sempre possuíam um toque de sedução da mulher e um machismo sempre que possível demonstrado através da obrigação sexual, da luta, da violência que muitos machões desejavam. E sempre trazia como viés a sexualidade entre mulheres, porém eram raros os que tratavam o inverso (homem com homem).

Como os homens raramente expunham a sua vida sexual para as companheiras, namoradas ou noivas, as curiosidades que geravam nas mulheres eram crescentes, assim algumas informações que encontramos sobre os homens estão nas reportagens das revistas femininas como a revista Nova Cosmopolitan, que em outubro de 1976 traz perguntas sobre o que é o orgasmo masculino; como acontece; se o homem, como a mulher, consegue fingir o orgasmo; como eles se sentem depois da relação sexual, entre tantas outras perguntas.

Um dessas perguntas que vamos destacar é:

“P. Em quanto tempo o homem pode chegar à ejaculação quando não quer “esperar” pela mulher?

R. Depende do homem. Quando disposto psicologicamente e acabar logo, pode demorar até menos de um minuto após a ereção. Na

²⁶ Revista do Homem, nº 20, ano II, março, 1977. São Paulo: Abril. p. 118

média, porém, o tempo é de dois a cinco minutos depois da cópula”.²⁷

A mulher que ainda estava tentando se encaixar nesses novos costumes possuía muito receio do desquite, porém será que o homem pensava dessa mesma maneira? De certa forma em alguns pontos as ideias se encontram, por mais que isso não fosse admitido pela grande maioria.

Rose Marie Muraro em seu livro: *Libertação Sexual da Mulher* nos traz uma questão bem interessante em relação a esses pontos de equivalência entre homens e mulheres, que apesar da Revolução Sexual já ter ocorrido e refletido a todos, ainda o tradicionalismo era parte dominante em nossa sociedade:

“(…)num mundo competitivo de dominação, em que a todo momento o homem tem que se defender e atacar, o amor íntegro é impensável. Num mundo competitivo, amar é “entregar os pontos”, perder a posição de superioridade, em suma, perder. Por isso, o homem tradicional é “durão”, isto é, esquisóide. Não sente, não entrega os pontos. Prefere cindir-se para não se entregar. Ou ama afetivamente sem sentir necessidade sexual, ou ama sexualmente sem sentir necessidade afetiva”.²⁸

Muraro continua com uma discussão bem interessante, de que todos os homens tradicionalistas necessariamente precisam de uma mulher tradicionalista, sendo submissa ao seu autoritarismo e dominação. Porém como citado acima, ele sempre acaba se frustrando por não conseguir ter o que deseja, já que a postura prevalece diante aos seus sentimentos.

“(…) A mulher submissa procura “conquistar” o homem, seduzi-lo, prende-lo a si, em suma, vence-lo aos seus caprichos. Torne-se coquete, fútil, burra, a fim de, inconscientemente, dar ao homem a impressão de que é ele o grande protetor, o forte. Mas, no fundo dela mesma, sabe perfeitamente o poder de sua fraqueza, de sua sedução feminina.”²⁹

Só que isso não para por aí, pois se nada do que foi descrito funcionar, ela com toda a sua submissão torna-se possessiva e exigente, mas sem obter resultado, já que seu marido apenas a deseja como zeladora de seu lar e como uma mãe exemplar.

Assim, o homem tradicional é aquele que consegue conquistar outras mulheres, sem perder a rigidez com a esposa. E a mulher tradicional é a que luta

²⁷ *Nova Cosmopolitan*, nº 37, outubro, 1976. São Paulo: Abril. p. 54

²⁸ MURARO, Rose Marie. *Libertação sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970. p. 84

²⁹ *Idem*. p. 85

apenas para ter um marido e “não ficar para titia”. E quando finalmente consegue, passa a ser apenas mais uma mulher frustrada.

O interessante da análise de Muraro é que não importa qual dos lados você se encontrava, a frustração é o vínculo que une dois seres que se completam perante à sociedade, pois já fazem parte de um respeitoso grupo, a tradicional família brasileira, mas que são completamente desconhecidos como amantes.

O não admitir que tudo isso acontecia, que ele como homem sentia frustrações diante a toda as aparências, os tornava equivalente as mulheres, que tinham que vestir suas “mascaras” de todos os dias e simplesmente abrir mão de uma vida feliz e realizada, tanto no campo afetivo, quanto no campo sexual.

Eles não queriam ser trocados por outros homens, não queriam abrir mão da relação de conforto que já era assegurada, porém, quando era inevitável, o desquite acontecia. Agora então seria o momento de festas, bares, saídas noturnas, sexo a qualquer hora e com qualquer pessoa, sem dar satisfação e sem hora para voltar correto? Não era exatamente isso que acontecia, pois como já citado a sociedade brasileira ainda colocava a tradição como parte significativa da vida afetiva, que principalmente os homens carregaram durante longos anos.

João Ricardo, jornalista, em uma entrevista para a Nova Cosmopolitan de outubro de 1974 diz que foi muito complicado se adaptar a essa vida de desquitado e pai, sem a ex-esposa por perto. Confessa que agora ele sai menos de quando era casado e quando está com o filho acabam fazendo programas bem caseiros, como visitar a família no Rio de Janeiro.

No começo bem que ele tentou se adaptar a essa nova geração. Durante uma noite, resolveu abrir as portas do seu apartamento às vontades do sexo e convidou algumas mulheres, porém o momento que suas novas “amigas” entraram pela sua porta com toda a segurança e independência que conquistaram, acabou tudo se tornando um desastre.

E no fim da sua entrevista deixa claro que pretende novamente se casar, pois o seu desejo é encontrar uma mulher com espírito maternal e assim que ele deparar com uma moça que queira mais do que sexo, ele não hesitará em pedi-la em casamento.

Outro caso é o de Fernando, dono de uma concessionária no Rio de Janeiro, o fim do seu casamento foi um choque abalando suas estruturas, pois sua

autossuficiência e seu pensamento que o levava a imaginar que conhecia tudo sobre as mulheres, não o deixou enxergar que estava sendo traído.

Não conseguiu se conformar que justamente ele estava passando por isso. E ainda por cima ter que pagar pensão para os dois filhos, era o “fim da picada”. Depois do ocorrido deixa claro que não pretende se casar mais e, que só sai com uma moça porque ela aceita não ter compromisso algum.

Homens e mulheres possuem uma visão diferente sobre suas sexualidades afirmadas e conquistadas, a sexualidade do homem foi apenas melhorada em favor próprio, o que o torna vítima da sua própria alta afirmação. Elas possuíam ideias para quem quisesse seguir e eles possuíam castelos com muro altíssimos e se esqueciam que eram feitos de areia, que a qualquer gota de enfrentamento, tudo desmoronava.

Ainda temos muito que pesquisar sobre o comportamento sexual masculino, já que muitas vezes dentro de nossas casas ainda nos deparamos com ideias e tabus que todos esses anos não conseguiram levar embora.

Tabus esses que, nos anos 70, eram mais frequentes, pois a liberdade sexual veio e trouxe consigo uma nova forma explícita outras, vezes nem tanto, de parceiros do mesmo sexo, que agora estavam aí para quem quisesse ver e para quem também não queria.

2.3 – A sexualidade muda e os homossexuais?

“Mudanças observadas na sociedade brasileira nas últimas três décadas, associadas a uma acelerada modernização na área dos costumes, assinalam o aparecimento de novos códigos e elaboração relativos à sexualidade em geral e à homossexualidade (...)”³⁰

Este capítulo não seria completo para o objetivo que esse trabalho foi escrito, se não tratássemos da homossexualidade no pós Revolução Sexual. Esse grupo também passou por transformações, mais do que todos os outros que foram citados anteriormente, foi o que mais tabus quebraram diante da sociedade machista, conservadora, com pré-conceitos e muitas vezes sem informação do que estava sendo julgando.

³⁰ CITELLI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: IMS, 2005. p. 37

A homossexualidade entre os homens deu-se de uma maneira diferente do que foi para as mulheres. Muitos deles não conseguiam ir contra tudo o que os pais planejavam para as suas vidas: casar e formar família. Assim por mais que soubessem que a sua opção sexual não combina com um casamento, acabam se casando para satisfazer a expectativa dos pais de serem avós.

Ao contrário, as mulheres homossexuais raramente se casam e são firmes em sua opção sexual. Levavam a vida em relacionamento com outras mulheres e não se preocupam com os status que a vida de um casamento podem lhe proporcionar. E se a família exige uma atitude em relação a isso, ela simplesmente sai de casa, mas não abre mão da vida que leva.

Uma grande transformação que ocorreu entre os homens que assumiram a sua homossexualidade, foi em relação aos pederastas ativos e passivos. A relação sexual era sempre através do sexo anal e oral que o passivo proporcionava ao ativo, assim, se o passivo desejasse atingir o orgasmo ele mesmo se masturbaria. Porém, a realidade foi mudando e na década de 70 ambos já se proporcionavam prazer igualmente.

Délcio M. de Lima em sua pesquisa nos traz um dado, que até 1977 existia três mil travestis na prostituição em São Paulo e faturando mais do que as mulheres e tornando-se a preferência de muitos cavalheiros que pagavam altos cachês.

Contudo como já mencionado diversas vezes neste trabalho, a sociedade dos anos 70 e 80 apesar das diversas mudanças e conquistas, ainda possuía falta de uma postura diante do novo e respeito ao próximo. Muitos serão os casos de violência, agressão verbal e discriminação. Como forma de se organizarem e combaterem tanta violência, fundam a primeira agremiação homossexual, o Somos, de São Paulo, criado em 1978 e dissolvido em 1983. No início dos anos 80, havia cerca de 22 grupos ao longo do país, especialmente no eixo Rio-São Paulo.

Os travestis também se organizaram em agremiações, tentando combater a violência que era extremamente frequente nas periferias das cidades e também lutando contra o HIV, uma dessas organizações será o TULIPA (Travesti e Transformistas Unidos Lutando Incansavelmente pela Prevenção à AIDS), fundado em Curitiba.

A AIDS chega ao Brasil em 1981, como a “peste gay” ou “peste rosa”, ultrapassando o limite invisível de uma sociedade fechada em velhas tradições. Os primeiros casos que serão confirmados de AIDS ocorreram apenas em 1983. Assim,

se a violência e a discriminação já existiam, ganharam força de uma gama de pessoas que ainda não tinham se posicionado sobre essa questão, já que os homossexuais serão identificados como as pessoas responsáveis por essa dissiminação.

Eles tinham tudo para fugir, para não querer mais lutar e se fecharem dentro de suas casas, mas não foi isso o que aconteceu:

“Apesar dos propalados efeitos da revolução sexual no Ocidente, no que diz respeito ao sexo, os homens que fazem sexo com homens no Brasil, ao menos nas grandes cidades, nunca se ressentiram da falta de lugares para encontros (homo)sexuais. Cinema, banheiros públicos, parques, entre outros, sempre ofereceram uma possibilidade para a realização de desejos homoeróticos, ainda que de forma velada. O que a liberdade dos anos 70 e do início dos 80 trouxe diz respeito à visibilidade de novos lugares e diferentes forma de encontros e reunião, onde o jogo sexual não necessariamente brindavam a possibilidade de outros modos de se relacionar e oportunidades para quebrar com a clandestinidade tantas vezes opressiva.”³¹

Mas com a forte presença da AIDS alguns lugares como banheiros públicos, parques, cinemas deixaram de ter a presença desse público realizando suas práticas sexuais. Porém, não foi a única (AIDS) responsável por esse esvaziamento: polícia, iluminação pública, moradores de ruas, violência, ajudam neste afastamento de locais públicos.

Um travesti brasileiro que não podemos deixar de citar é Astolfo Barroso Pinto ou apenas Rogéria. Em outubro 1974 ela concede uma entrevista para a Nova Cosmopolitan e o título da entrevista é: “Loura, Provocante, Sensual”. A repórter responsável pela matéria, Gloria Kalil, vai ao local de trabalho de Rogéria e percebe que o público que está presente é misto e que ela faz de tudo para provocar os homens, pedindo beijos, sentando em seus colos e a mulherada adora saber que seus companheiros estão ficando sem graça e aplaudem.

A repórter se admira, ela é sexy, elegante, arrojada e sofisticada, ainda por cima, sabe muito bem o que quer da vida. Tomou hormônios e suas feições são de uma mulher perfeita. A repórter pergunta sobre o que ela acha dessa luta das mulheres tentando direitos iguais. Rogéria responde que é uma bobagem, pois ela está muito satisfeita trabalhando e sendo galanteada por diversos homens, coisa

³¹ PARKER, Richard, BARBOSA, Regina Maria. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 93

que muitas mulheres não conseguiram. E em 1984, outro travesti será considerado um dos símbolos sexuais nacional: Roberta Close.

Interessante notar que, com a libertação sexual, os gays e as mulheres puderam se aproximar mais, além de serem dois grupos reprimidos pelo resto da sociedade, o gay proporciona à mulher algo que ela não consegue encontrar em homens: a intensa compreensão. Sem dizer que o machismo estava totalmente fora de cogitação.

Apenas para pensarmos como demoramos para entender o que era a homossexualidade no Brasil. Em 1985, o Conselho Federal de Psicologia deixa de considerar a homossexualidade como um desvio sexual e, em 1999, estabelece regras para a atuação dos psicólogos em relação à questões de orientação sexual, declarando que "*a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão*" e que os psicólogos mais farão eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade.

O que conseguimos perceber é que entre mulheres, homens e homossexuais as mudanças foram totalmente distintas e que apenas os homossexuais conseguiram e ainda conseguem colocar na prática toda a História que foi sendo transformada conforme as décadas passaram. Infelizmente os preconceitos acompanharam o ritmo de uma vida sem barreiras ao sexo e ao amor.

Quando será possível nos perceber como iguais ou aprendermos que ainda somos nós, apenas nós que construímos essas barreiras e tabus que enraizamos em nossa mente, a ponto de não percebermos tantas pessoas que lutaram para uma transformação e que deixamos de pensar nisso por muitas vezes pelo simples conformismo.

As revistas que muitas vezes foram citadas neste trabalho tiveram uma participação importantíssima na imagem vinculada entre homens e mulheres e nos dará uma ideia de como a mídia trazia a questão sexual. Era da mesma maneira para ambos? As revistas proporcionavam imagens ou apenas reportagens para mulheres? De que maneira a imagem da mulher era utilizada nestas revistas?

Capítulo 3 – Mídia: as informações através das revistas

A mídia a todo o momento tem papel fundamental na participação do cotidiano de qualquer sociedade. Muitas vezes, a forma com que as notícias, informações, questionamentos e verdades absolutas são colocadas como forma de conquistar espaço diante a tanta concorrência. Acabam gerando questionamentos e críticas grandiosas.

Mas, não podemos em momento algum deixar de observar que de certa forma, a maneira que justifica a aceitação dessas informações ou o questionamento das mesmas, é a forma encontrada para transmitir ou retransmitir, isso se torna possível através das redações, fotos, pinturas, da maneira que se porta um jornalista na televisão, da voz do radialista e até mesmo dos anúncios, que nos estimula e nos atrai para uma direção única: a conquista de novos leitores, ouvintes, telespectadores e consumidores.

Nos anos 70, essa maneira “mágica” das transmissões das informações pela mídia, nos fez entender como a abertura dos “prazeres” será concedida nas revistas femininas e masculinas.

Agora teremos a oportunidade de analisar como muitas coisas após a Revolução Sexual ou Libertação Sexual foram tratadas por quem estava à frente da forma mais fácil e rápida de conhecimento, conquista sexual ou até mesmo de se entender diante a toda a transformação que o tempo somado a cobrança imposta pela sociedade traziam de décadas passadas. Pensando que todos esses entendimentos só são possíveis quando conseguimos obter um distanciamento significativo dos acontecimentos.

A grande dificuldade que se encontra quando tem por interesse o estudo de fontes primárias são os próprios materiais que serão estudados, neste trabalho também não foi diferente, já que as revistas eram consideradas como algo descartável.

Após análises para tentar encontrar uma mídia que representasse melhor o que estava sendo transmitido e a maneira que isso chegava a seus consumidores finais, percebemos que nada melhor do que as revistas que circulavam neste período com conotações sexuais tanto para o público feminino como para o masculino. Assim, temos uma interessante maneira de pensar que, agora, após tantas conquistas - apesar da permanência dentro de quatro paredes - na leitura

elas conseguiriam extravasar sua libido, encontrando-se como uma verdadeira mulher diante aos olhos dos homens, que já fazem parte de um seleto grupo de leitores que se consideravam sexualmente ativos e cheio de conhecimentos perante ao prazer e satisfação.

Os discursos produzidos pelas revistas, a partir da segunda metade da década de 70, agora não mais induziam a mulher a ser “bela adormecida para o sexo”. Ela deveria “acordar”, se recompor após tantos anos de um “sono profundo” e se deliciar com novas técnicas que a sexologia trazia a seu favor.

As revistas cumpriram a função de propiciar prazer à mulher, e por muitas vezes ao casal com “brincadeiras” capazes de banir a rotina e evitar o desgaste na relação. Produz-se uma “nova” mulher, segura de si, exigente de seus direitos sexuais e em busca do tão sonhado orgasmo, aliás, de muitos orgasmos.

Os temas abordados na imprensa feminina sobre a sexualidade da mulher, diferente das décadas anteriores, passaram por mudanças, como já falado anteriormente, construíram um discurso próximo do que temos hoje, ou seja, da mulher erotizada, que preocupa-se com a sua performance no sexo; enfim, não mais adormecida, mas exigente de prazer sexual dentro ou fora do casamento.

A virgindade não é mais imposta como norma para todas as mulheres; o ato sexual, até então restrito ao quarto do casal, começa a ser abordado como assunto frequente que descreverá com requinte os detalhes mais obscuros.

A mulher na fase da menopausa ganha novas possibilidades para o exercício de sua sexualidade. A menstruação se transforma em assunto corriqueiro. O corpo feminino ganha contornos de sensualidade e erotismo, além de ser um instrumento de prazer para a própria mulher, seja na relação sexual, seja na prática da masturbação, algo até então inimaginável de se pensar ou muito menos de ser levado até a imprensa

As revistas começam a veicular conceitos de especialistas, através de artigos que tentam responder às mais diversas dúvidas. Alguns desses especialistas são: Kinsey; William Masters e Virgínia Johnson; Albert Ellis; Seymour Fisher; Shere Hite; Willem Reich e Kaplan.

“Os sexólogos tomam para si a discussão sobre a sexualidade, criando novos métodos de investigação e, o que é mais importante, de cura. Num momento em que a psicanálise já se afastará da idéia de curar pacientes, os sexólogos asseguravam os resultados rápidos de seus tratamentos. Com Masters e Johnson, por exemplo, os casais podiam fazer um tratamento em duas semanas. Marcos da

sexologia moderna, além de Reich e Kinsey, Masters e Hohnson são os primeiros cientistas a observar em laboratório os órgãos genitais masculinos e femininos durante o ato sexual, no ano de 1950. Engrossadas por inúmeras outras pesquisas, suas conclusões são publicadas, em 1966, no livro *Human sexual reponse*, que se apresenta como a descrição científica dos orgasmos masculino e feminino. Suas concepções encorajam o surgimento de terapias que atacam os entraves à obtenção do prazer pela mulher, onde quer que eles estejam, motivo pelo qual André Béjin chamou seus seguidores de “orgasmoterapeutas” ou “orgasmólogos”³²

Um assunto que se torna cada vez mais de interesse por parte não só de quem escreve os artigos, mas também de quem os lê, será o conhecimento da própria mulher em sua anatomia, quais são os pontos eróticos, as técnicas sexuais que mais proporciona prazer a elas, dentre outras. A mulher frígida é encorajada a ter múltiplos orgasmos, que era considerado como uma doença e que se fazia necessário o acompanhamento de um especialista.

Registra-se, enfim, em curto espaço de tempo, uma mudança radical nos discursos e enunciados da imprensa feminina. Essa nova linguagem acaba afetando a vida de homens e mulheres na vivência de suas sexualidades. Isto se observará nos depoimentos enviados para as revistas por pessoas ansiosas em se tornarem sexualmente ativas e capazes de exigir prazeres múltiplos.

O pensamento feminino e o ato sexual ganham visibilidade, mas também ganham críticas para essa avalanche de informações que surpreende a dois públicos diferentes, os que estavam acostumados a serem os conhecedores de tudo e todas e a “linda donzela”, que lia Cláudia para saber um pouco mais de como agradar seu marido nos afazeres domésticos ou como se portar diante a um exigente olhar social.

Assim, após essa abertura da imprensa feminina, uma revista será de importância primordial à frente todos os dilemas que foram levantados, trará o que o público feminino até então, não possuía em suas leituras: homens, mas não qualquer homem, homens bonitos, sensuais, e algumas vezes seminus.

E o público masculino? Eles só aprimoraram as leituras com as mais diversas revistas que os colocava como dono de um mundo no qual esposa, namorada ou noiva não faziam parte. O mundo do sexo com mulheres belíssimas, posando

³² MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 125

apenas para eles e os informando que naquele espaço eles mandariam por muito tempo.

Mas era isso mesmo que acontecia? Os homens mandavam e ponto? E suas revistas, neste caso a Revista do Homem (Playboy), realmente possuíam apenas assuntos de homens que não poderiam ser discutidos diante ao público feminino? E a principal questão: como as mulheres eram vistas nas mais diversas páginas, entre cigarros, bebidas e carros?

E as leitoras que abraçaram a causa de uma nova ideia de transformação de leitura, qual era a visão que a revista Nova Cosmopolitan trazia para essas novas mulheres? Como elas se sentiam diante desse novo veículo de informação? Os homens também apareciam nus? Os artigos possuíam imagens de mulheres objetos?

3.1 – Nova Cosmopolitan: anos 70

A revista Nova Cosmopolitan vêm de uma ramificação da revista norte-americana Cosmopolitan, que circulava desde 1886, especificamente em Nova York. Porém, no início dos anos 60, a sua popularidade decaía com a chegada de um novo público que desejava mudanças e queria algo novo para ler e se inspirar.

Assim, seu relançamento através das mãos de Helen Gurley Brown readequa-se ao novo público feminino que buscava outras satisfações além de esfregar o chão de suas casas:

“(…)Na definição de sua idealizadora, a garota Cosmopolitan é aquela que “não quer ser reconhecida por ser a mulher de um executivo. A mãe de um bom estudante, a irmã de um jogador de futebol ou a namorada de um músico de rock. Ela quer ser reconhecida pelo que faz. Amor e trabalho são realmente importante para ela”. Ao longo dos anos, estes dois temas serão constantes na revista: amor (com sexo) e trabalho”³³

Sem falar da nova estruturação que a redação passa por possuir agora apenas mulheres escrevendo, editando, respondendo as mais diversas questões

³³ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 122

femininas. Os textos passam a ser uma conversa entre amigas e conselheiras, a terceira pessoa deixa de existir, tornando-se apenas uma pessoa: a mulher.

Um dos ingredientes principais para atrair cada vez mais leitoras será o debate frequente sobre a sexualidade feminina, colocando isso como um direito adquirido. Diferente dos homens, que gostam de praticar ou ver o sexo, as mulheres tem por preferência discutir sobre tudo o que gira em torno dos seus sentimentos, frustrações, inseguranças, desejos ou falta dele.

A fórmula dessa revista deu tão certo que foi inevitável que a sua circulação pelo mundo acontecesse de forma rápida e imediata. Um dos primeiros países que teve também o “olhar Cosmopolitan”, foi a Inglaterra, que apesar de ter toda uma questão cultural diferente da norte-americana, ainda assim, as mulheres continuavam sendo mulheres com as mais diversas dúvidas sexuais. O sucesso foi imediato, o que apenas fazia com que os diretores percebessem a importância de levar essas ideias para outros países também.

No Brasil não foi diferente, a ideia era trazer para o público de brasileiras tudo o que as outras revistas não possuíam ou quando falavam sobre algum assunto sexual, a discrição era o ponto principal.

A primeira edição da Nova em 1973 (175 mil exemplares vendidos) trazia em suas páginas a questão do orgasmo, sem nenhum medo de ser banida das bancas como aconteceu com a revista Realidade, porque até então, o que a mulher obtinha de uma relação sexual era um clímax e não um orgasmo como os homens.



Primeira capa da Revista Nova Cosmopolitan, Outubro/1973

Fonte: GUIMARÃES, Maria Paula Piotto da Silveira; “Nova”: 30 anos da mulher de 30, São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica. p.49

A Cosmopolitan no Brasil é obrigada a colocar o adjetivo Nova, pois os direitos autorais da palavra Cosmopolitan já havia sido comprado, assim a escolha se encaixa perfeitamente com tudo o que está acontecendo: Nova mulher, Novas ideias, Novos desejos, Nova sexualidade, Nova em todos os aspectos.

A suas capas foram sempre marcantes, pois o que predominava em outras revistas era o foco no rosto, com o seu olhar meigo e sonhador, como se vivesse em um local completamente cheio de harmonia e amor. Muito diferente das capas da Nova, onde as mulheres tinham uma postura diferente:



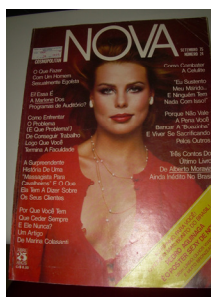
Cláudia 1973

Fonte: *Cláudia*, nº 139, Abril, 1973. São Paulo.

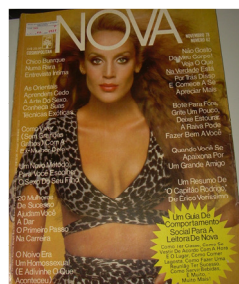
“(...) é uma fantasia física do que a mulher imagina que é, ou que gostaria de ser sem termos de libertação do próprio corpo. Ou seja, se sentir bonita, mostrar seu corpo sem repressão, sem se sentir mal por isso. Ter uma sensação de liberdade do próprio corpo. Por isso, nas capas de *Nova* as moças aparecem com as roupas bem decotadas e às vezes transparentes (...) A postura da moça da capa de *Nova*, que é muito específica da revista, é uma mulher que olha de frente, encarando quem quer que esteja olhando para ela, mostrando segurança com essa postura direta, com esse olhar firme. Sempre, porém, com uma certa doçura, os ombros retos, mostrando uma certa segurança de si própria, o peito aberto, sem inibições, que uma moça de braços cruzados eventualmente não mostraria. O rosto de frente, também encarando as pessoas, e não de lado, que traria uma certa brejeirice. Também é uma moça que olha de cima, com presunção, não é uma moça que olha por baixo, com timidez. É uma moça segura que encara a vida e as pessoas. Esta é a identificação que a leitora gosta. É isso que ela busca na revista.”³⁴



Setembro 1974



Setembro 1975



Novembro 1978



Julho 1980

³⁴ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 132

Apesar de tanta inovação a primeira edição não sofrerá com a censura, mas em 1974 as coisas mudam:

“(…)Como Playboy, e na mesma época, Nova enfrenta vários problemas com a censura. É o que acontece em 1974 com a matéria “A tirania do orgasmo” e suas ilustrações. Em 76, a censura proíbe “Como despertar a sexualidade” e “Mulheres que vivem cercadas de homossexuais”. No mesmo ano “O orgasmo masculino” leva à apreensão da revista em todo território nacional. Dois anos depois, as matérias “Amor de uma só noite” e “A primeira pode não ser a melhor” são liberadas, mas com ameaças de restrições de venda da revista para maiores de 18 anos.”³⁵

Como citado acima, a censura não permitia que alguns assuntos fossem discutidos por revistas femininas. A revista, na sua edição de 1976, traz em suas páginas o artigo “O Orgasmo Masculino”, causando a proibição da venda em todo território nacional.

Mas algumas leitoras ainda conseguiram comprar essa polêmica revista e como consequência mandaram diversas cartas para seção Você e Nova:

“(…) Aqui nesta fronteira houve uma polêmica venda de NOVA nº37, mas, felizmente, eu consegui meu exemplar (…).” Cléia P. Arga (Sant’Anna do Livramento-RS)

“Muito boa matéria ‘Orgasmo masculino’. Lendo-a consegui esclarecer muitas dúvidas que tinha sobre o assunto. Tão boa quanto a matéria é a foto, um homem comum – igualzinho aquele que a gente costuma ter ao lado -, feio, mas cheio de charme” Nádia Sandoval (Irapuru-SP)

“Antes que a Censura recolhesse a revista do meu bairro, consegui comprá-la. Devorei de ponta a ponta, e o artigo de que mais gostei – o mais esclarecedor – foi ‘Orgasmo masculino’, que respondeu a várias perguntas que eu não sabia. Continuem publicando matérias desse gênero.” Neusa Assumpção (Salvador-BA)

“Li, e em seguida dei ao meu marido para ler também (...). Só não entendemos mesmo foi a atitude da Censura. Será que foi por causa do artigo ou da foto?(...)” Clara e Roberto Vieira (Salvador-BA)³⁶

O artigo era basicamente com perguntas como: Existe ejaculação sem orgasmo, ou os dois são as mesmas coisas? O orgasmo masculino se torna mais difícil depois dos 45 anos? A intensidade do orgasmo masculino tem relação com a maior ou menor rigidez do pênis? Ouvi dizer que quanto mais tempo o homem se abstém de relações sexuais, mais depressa atinge o orgasmo quando reinicia a

³⁵ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 127

³⁶ MESQUITA, Leticia Nassar Matos. *A Construção de homens e mulheres na revista Nova: um olhar sociossemiótico*, São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica. p.19

atividade sexual. É verdade? Entre tantas outras. Todas as perguntas são respondidas por um sexólogo com respostas curtas e diretas, mas com clareza que quaisquer pessoas consigam entender do que se falava.

A foto abaixo é a mesma que ilustrava o artigo, um homem nu, de óculos, com a mão apoiando o queixo e com as pernas cruzadas que não deixam aparecer o seu órgão sexual.

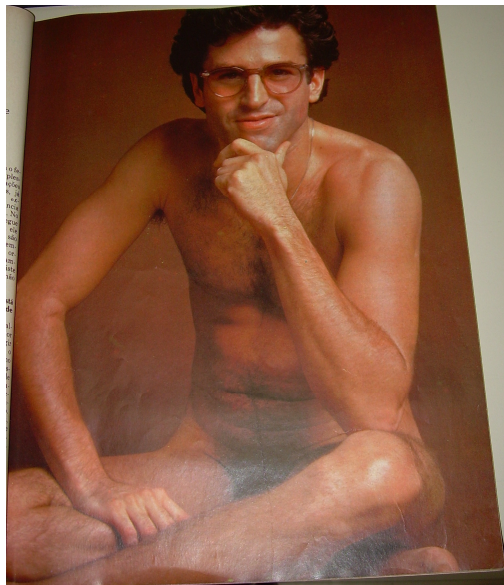


Foto do artigo: Orgasmo Masculino

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 37, outubro, 1976. São Paulo: Abril. p. 53

Podemos questionar que talvez o medo que a censura possuía, estava ligada a grande quantidade de informações que as mulheres estavam recebendo nesse momento de transformações dos tempos, ou era apenas uma questão de manter a moral e os bons costumes? Pois tanto as dúvidas quanto as perguntas nos leva a entender que a falta de diálogo entre parceiros era muito grande, ao ponto de uma revista ter que abraçar a causa para levar um pouco de conhecimento ao ato sexual de suas leitoras.

Mas a *Nova Cosmopolitan* não se deixou abalar com a censura, publicando matérias que não eram rotineiras, todavia tornaram-se: métodos anticonceptivos; homossexualismo; igreja; desquite, entre tantos outros.

Quando pensamos em Revolução Sexual, temos que entender que não é apenas o ato sexual que sofreu mudanças, mas toda uma questão comportamental e cultural na sociedade brasileira. O desquite, por exemplo, assunto que já era

tratado pela revista Cláudia, mas apenas como última alternativa, pois a prioridade era salvar o casamento “custe o que custar”. Agora já é colocado de maneira mais aberta e sem medo de ficar sozinha ou simplesmente de sair da rotina de um casamento falido.



A Nova Desquitada

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 10, julho, 1974. São Paulo: Abril. p. 96

A foto acima ilustra a matéria que a Nova traz em 1974 sobre o porquê as mulheres desse período estão se desquitando. Já que antes tudo era passível de espera, perdão e reconciliação? A mulher do novo tempo se desquita, por perceber que a felicidade e a satisfação como mulher pode muito bem ficar fora de um relacionamento estável. O medo de retaliações, dos julgamentos e da vida sem um marido passa a ser algo da década passada:

“Já se vai longe o tempo em que Amélia fazia sucesso, ultrapassando os limites do samba de Atila Iório. Hoje, ao que tudo indica, a “mulher de verdade” não é mais a que lava a roupa do homem ou passa fome ao lado dele. Ela também aspira a crescer, se expandir e se realizar como um ser humano. Portanto, os cavalheiros que se cuidem, pois em vez de cantarem “e assim vou vivendo de amor”, ao menor descuido podem sintonizar Chico Buarque e cantar num lamento: e eu fiquei a ver navios”.³⁷

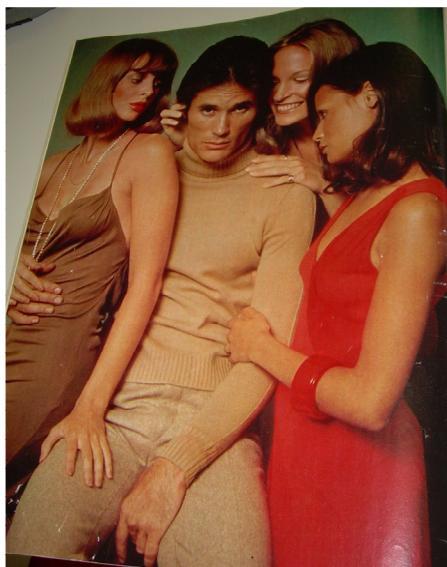
³⁷ *Nova Cosmopolitan*, nº 10, julho, 1974. São Paulo: Abril. p. 97

A foto já fala por si própria, uma mulher com o corpo ereto, olhando para frente, uma das mãos no bolso e a outra segurando uma mala, determinada a não reconciliação. O homem da foto em segundo plano, de perfil, cabisbaixo e com uma das mãos no bolso, apenas observando que acaba de encontrar o significado de um desquite sem motivos aparentes, apenas um desquite.

Destacamos mais algumas fotos de outras edições que nos fará perceber o quanto este assunto será pontuado nos mais diversos momentos e de formas completamente diferentes.

No mesmo ano, no mês de outubro, a matéria invertia seu personagem, o foco dessa vez eram os homens desquitados, que ainda tentavam entender o que tinha acontecido e como lidariam com isso. O que foi interessante observar é que, de alguma maneira, os depoimentos de homens desquitados são extremamente voltados a não aceitação do fato que os tempos mudaram e suas ex-esposas também.

A foto do artigo é um homem olhando para frente com o semblante triste, no centro de três mulheres que o toca, sorri ou tenta consolá-lo diante ao ocorrido. Porém este homem não as olha, porque talvez ainda tente se acostumar com o fato que sua esposa esteja melhor sem ele.



O homem desquitado

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 13, outubro, 1974. São Paulo: Abril. p. 96

Um dos entrevistados que foi traído, diz não acreditar mais em casamento, pois ele como “conhecedor pleno” de todas as mulheres, flagrou a sua esposa com

outro homem na sua cama, e a pergunta que ele não conseguiu parar de se fazer foi: Como aquilo tinha acontecido justamente com ele? Essa pergunta acaba nos sugerindo um novo olhar diante dos acontecimentos, já que as mulheres estão colocando suas “garras de fora”, os homens não deveriam entender que fatos como esse, comum entre eles, poderiam ocorrer a qualquer momento ao contrário? Contudo, a aceitação será diferente e a pose de machão tradicionalista ainda será mantida.

As duas matérias tratam de assuntos iguais, porém olhares diferentes, a primeira mostrando que as leitoras da Nova podem e devem se perceber como mulher fora de um casamento e a segunda reportagem mostra o outro lado do homem deixado. Contudo, vale ressaltar que ambas possui um interessante objetivo de mostrar que apesar das mudanças de comportamento, o que os homens ainda desejam são casamentos sólidos e mulheres que apenas sejam simplesmente mulheres.

Percebemos uma certa continuidade de valores apesar de todo o discurso que vêm se prolongando conforme o tempo passa. Abaixo destacamos duas imagens que colocam essa continuidade em evidência:



Crises no casamento

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 24, setembro, 1975. São Paulo: Abril. p. 50

Esta matéria coloca em pauta algo nunca sonhado em outros tempos, uma mulher que sustenta o seu marido, que ganha mais do que ele, que administra as contas e ainda o ajuda financeiramente.

Mas, como os tempos eram outros, podemos pensar que não teria problema algum isso acontecer, correto? Não exatamente, ainda temos uma posição diferente dentro de muitas relações. Os homens preferem depender dos pais do que ser mantido pela própria esposa. Mesmo que isso fosse uma necessidade, os casamentos são colocados em risco pelo sentimento de inutilidade (como a reportagem coloca) que eles sentem. Mas como lidar com isso então? Trocar de serviço, não aceitar promoções ou simplesmente encarar que, talvez para continuar um casamento é necessário fazer escolhas.

As crises nos casamentos serão as mais diversas possíveis, homens que reclamam de mulheres que não têm tempo de cuidar da casa e dos filhos porque fica tempo de mais trabalhando, mulheres que ainda esperam atitudes de afeto e compreensão de seus parceiros ou ainda a crise que afetava muitos casais são os abusos mentais e físicos.



O Ringue do casamento

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 64, janeiro, 1979. São Paulo: Abril. p. 85

“Mais estranho do que o número crescente de casais que se separam é o número de casais que extremamente infelizes que não se separam. Não me refiro aos casais que simplesmente se chateiam ou levam uma vida sem graça, mas falo dos casais que realmente se odeiam. E o mais estranho ainda, nestes casos, é o comportamento das mulheres. Por que motivo elas permanecem casadas, apesar de abusos mentais e físicos? O que faz com que elas sintam tanto medo, a ponto de preferirem às vezes ficar junto ao pior homem do

mundo (ou melhor, junto ao pior homem do mundo *para elas*), ao invés de simplesmente partirem para uma outra situação qualquer?³⁸

O medo ainda assombra muitas mulheres que são mantidas em casamentos pela sua própria falta de atitude de dar um basta em situações como esta. O medo gera fraqueza, que gera conformismo e que acaba por muitas vezes gerando inconsciência do que realmente está acontecendo. Porém, se um dos principais assuntos é a felicidade fora do casamento, como ainda tantas mulheres se submetiam a essas situações? Algumas eram completamente dependentes financeiramente de seus maridos durante anos, começar tudo novamente era algo mais assombroso do que a situação descrita.

Nova veio com temas polêmicos e cheia de vontade para ajudar, tanto que temas como política, esporte, profissão, ambiente de trabalho tentarão ajudar a mulher a se encaixar nesse novo período. Mas o tema recorrente, sempre com aceitação em massa pelas mulheres será tudo que era relacionado ao sexo. Mas sexo não apenas para mulheres casadas, mas para as solteiras, desquitadas, fora do casamento, com amigos, no trabalho.

Elas desejavam saber mais, queriam recuperar o tempo perdido e colocar em prática métodos e dicas que ainda desconheciam, até este momento nenhuma revista traziam para as suas reportagens detalhes explícitos sobre o tema, o que fez com que cada vez mais a Nova ganhasse edições especiais, matérias, contos, cartas, e mais cartas com diversas dúvidas ou agradecimentos e as fotos de homens que eram considerados como parte da fantasia de suas leitoras.

³⁸*Nova Cosmopolitan*, nº 64, janeiro, 1979. São Paulo: Abril. p. 85



Propaganda nas páginas da Nova do seu guia especial.

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 24, setembro, 1975. São Paulo: Abril. s.p.

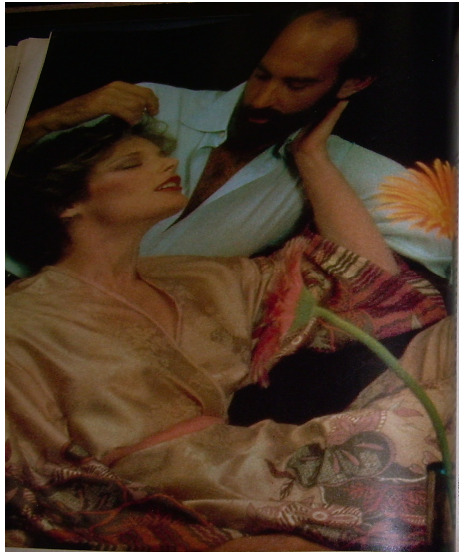


Seção de Beleza

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 37, outubro, 1976. São Paulo: Abril. s.p.

Sexo está em todas as seções, por exemplo, na seção moda e beleza o sexo é analisado como fator de estímulo para a beleza da pele através da atividade sexual. A moda tem como tendência o corpo e não a roupa, assim matérias como: lipoaspiração, cirurgia plástica, como combater a celulite, produtos para a pele e cabelo, serão pontos presentes para a Nova mulher.

O Simples Segredo de Viver Bem O Sexo



Simples segredo de viver bem o sexo

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 64, janeiro, 1979. São Paulo: Abril. p.50-51

Em janeiro de 1979, a *Nova* vêm alertando que sexo apenas porque “ele” quer, não é sexo que vai deixá-la satisfeita, deixar as coisas acontecerem, ter atração é o primordial, se isso não acontecer, o momento se tornara frustração e arrependimento. Mas, ressalta, faça sexo, não deixe de praticar porque no final você pode acabar perdendo o interesse e isso sim, realmente, será muito preocupante para essa mulher.

O discurso mudou, preocupar-se primeiramente com o prazer feminino é tomar conta de seus sentimentos e vontades, agora elas possuíam o comando e sabiam realmente tudo o que queriam e que não queriam nesse novo contexto. Já conseguiam entender que as suas vontades não poderiam ser limitadas por outro alguém. Sua vida flutuava em liberdade e desprendimento de qualquer pessoa, correto? Não era isso que as matérias e as críticas femininas entendiam do que realmente estava acontecendo.

Para a crítica de muitas feministas, essa ideia que a *Nova* propunha liberdade era falsa, pois todos os artigos, entrevistas, contos, transpassa através da ideia estereotipada que o homem tinha das mulheres, assim, se elas aprendessem um pouco a mais sobre o sexo, como se portar em uma festa, roupas para usar nas

horas íntimas, maquiagem, forma física, seria a maneira explícita de apenas ter ou conquistar novos relacionamentos ou o companheiro de anos.

Realmente, as matérias que vão sendo desenvolvidas durante esse período, acabam nos levando para a finalidade de que apesar de Nova ensinar ou apresentar novas ideias e novos valores, as mulheres não precisavam mais dos homens para serem felizes. A sua vida ainda gira em torno da opinião dos homens: forma física, roupas que ele gostaria de vê-la vestindo, maquiagem para seduzi-lo, sedução e conquista de um amigo, sexo sem compromisso, como fazer para agradar o seu parceiro. Outra preocupação é a questão financeira, não querem ser sustentados, mas querem mulheres bem sucedidas e com tempo hábil para agradá-lo.

A questão financeira citada é algo interessante, pois eles ainda não desejam mulheres independentes e sim mulheres que possam se cuidar para ele, mas sempre submissas ao ponto de não ter que obrigá-los a dividir tarefas domésticas ou ajudá-la em crescer como indivíduo.

Abaixo segue três imagens, que demonstra essa preocupação com que os homens gostam ou desejam:



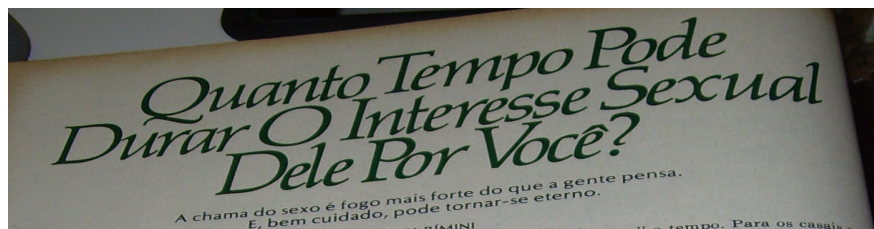
Etiqueta social

Fonte: Nova Cosmopolitan, nº 62, novembro, 1978. São Paulo: Abril. p.100



Fetiche

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 64, janeiro, 1979. São Paulo: Abril. p.46



Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 63, dezembro, 1978. São Paulo: Abril. p.74

A libertação que Nova traz não são para a quebra de padrões ou preconceitos, seu objetivo, analisando suas edições e livros que tratam sobre o tema, é mostrar a mulher que ela pertence a uma classe e se olhar como um indivíduo, saber sobre sua auto-estima (tema muito usado em suas reportagens). A Nova seria apenas mais uma revista com um lado erótico? Ou guia de auto-ajuda? Um pouco de cada e soma-se ainda a publicidade que será um foco persistente de Fátima Ali, ela desejava que Nova deixasse de ser estereotipada como a “revista das secretárias” e começasse a mostrar o seu lado inteligente, fazendo assim com que especialistas sempre estejam presentes em cada assunto que aborda.

Duas coisas que nos chama a atenção são: como ainda o público feminino não tinha uma revista totalmente voltada para elas, pois se Fátima Ali quer abrir seus horizontes, o jeito foi abrir também o espaço para a propaganda direta sobre uma revista voltada exclusivamente aos homens: a Revista do Homem (no seu título deixa claro esta intenção).



Propaganda da Revista do Homem nº 2

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 24, setembro, 1975. São Paulo: Abril. s.p.

E outro detalhe que nos chama mais atenção ainda é como a libertação sexual chegou a tal ponto que, tudo e qualquer coisa acabava tendo uma conotação sexual apelativa muito grande, ao ponto de um hidratante ou uma máquina de fazer abdominais tenham a necessidade de colocar as suas modelos nuas ou mostrando ou seios. Até que ponto a comercialização de produtos acaba tornando-se a comercialização de mulheres como objetos?

É uma resposta difícil de se ter ou discutir apenas neste trabalho, pois isto geraria análises mais profundas, que infelizmente não cabe para esse momento, porém as respostas só serão possíveis se nos questionarmos o que mudou para as propagandas de consumo masculino: cerveja, carro, entre outros.



Publicidade

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 82, julho, 1980. São Paulo: Abril. s.p.



Publicidade

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 82, julho, 1980. São Paulo: Abril. s.p.

A Nova, principalmente as suas capas são os “espelhos” que as mulheres comuns, que trabalhavam, estudavam ou apenas ficam em suas casas teriam que seguir. Mas estes espelhos só conseguem mostrar a imagem do outro, dos sonhos, das vontades, dos desejos e como seria fácil conseguir. Porém esse espelho esqueceu de refletir a realidade, de que ainda a Revolução Sexual dorme mais profundamente do que “princesas em conto de fadas”.

3.2 – Playboy: anos 70

O criador da Playboy Hugh Hefner, na época acreditava que os homens deveriam criar revistas voltadas para dentro do que acontecia em casa dentro dos quartos dos casais:

“(…)As revistas então voltadas para esse público se detinha na chamada vidas ao ar livre, procurando atraí-lo com temas como caça, pesca e outros esportes semelhantes. Para Hefner, ao contrário, uma boa revista masculina deveria se ocupar do que se passava dentro das casas. Num momento em que a sociedade norte-americana já se urbanizava, Hefner pensava num homem mais moderno, morador das grandes cidades, mais sofisticado e menos puritano em relação ao sexo. O sexo e a vida mundana deveriam ser

os principais apelos de uma publicação que pretendesse agradar aos homens e, na sua opinião, precisavam ser tratados sem hipocrisia.”³⁹

Nos anos 40, nos Estados Unidos, existiam algumas revistas que possuíam em seu contexto mulheres nuas, porém sem intenção nenhuma de que aquele fosse o foco, pois até então eram proibidas a sua circulação.

Hefner tinha um objetivo muito claro, ganhar dinheiro através do prazer sexual que as mulheres nuas poderiam proporcionar aos homens. Assim, visualizando a mudança de costumes como: planejamento familiar, homossexualismo, aborto, ele não pensou duas vezes em começar a colocar a sua ideia em prática e como o destino lhe foi bondoso, já que cai em suas mãos uma foto de Marilyn Monroe nua, que o vendedor que era o “dono” desta foto tinha medo de publicar por achar obscena demais.

Em 1953, a Playboy chega para as bancas e o sucesso é imediato, porém os ataques foram os mais diversos em jornais, outras revistas, grupos religiosos entre outros. Mas isso não foi em momento algum desestimulante para Hefner que passou de um adolescente pobre a um homem rico e influente.

A década de 70 será de extrema importância para a Playboy, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. Em 1969, é lançada a revista Penthouse que, em 1971 mostra o primeiro nu frontal em formato de pôster. Com as vendas da Penthouse subindo e da Palyboy descendo, Hefner toma a atitude de seguir o mesmo caminho, colocando cada vez mais em sua revista fotos audaciosas.

Esta disputa será marcada com a falta de publicidade na Playboy, pois quanto mais conteúdo pornográfico a revista colocava, menos os publicitários queriam seus produtos ligados à essas fotos. Assim, depois de muito dinheiro perdido e muitas dívidas para pagar, Hefner vende os direitos autorais para que outros países pudessem comercializar os direitos autorais.

Em 1975, os cartazes das bancas de jornais estampavam “Nesta banca têm Homem”, deixando a subjetividade em relação ao machismo brasileiro e a revista que acabará de ser lançada.

O título Playboy é totalmente proibido no Brasil pela ditadura, já que de imediato ligava o nome ao conteúdo pornográfico, assim, a editora Abril a lança com

³⁹ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 100

o nome: Revista do Homem. Mas isso não fez com que a sua popularidade caísse, sua primeira edição vendeu 135 mil exemplares.



Primeira capa da Revista do Homem

Fonte: *Revista do Homem*, nº 1, ano I, agosto, 1975. São Paulo: Abril.

Ela não era a única que deseja atingir um sucesso entre os homens, revistas como *Senhor* e *Flairplay* também queriam tocar em “assuntos de homem”. *Senhor* tenta durante algum tempo, mas o seu conteúdo, arte e cultura misturado à mulheres não fez sucesso, no início dos anos 70 o seu fim foi inevitável. *Flairplay* não tinha publicidade, muito menos arte e cultura, eram apenas mulheres nuas e pronto, mas depois de um longo caminho percorrido, descobrem que o público deveria mudar e crescer também. Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes serão uns dos articulistas da *Flairplay*.

Com esse novo começo, as atrizes que tentam aumentar o seu prestígio ou que já estão em início de carreira, disputam o privilégio de aparecer em suas páginas: Odete Lara, Leila Deniz, Norma Bengell.

A *Revista do Homem* conseguiu grande sucesso editorial e comercial, já que ainda os publicitários temiam em mostrar seus produtos ao lado de mulheres nuas. Realmente a *Homem* foi diferente nesse aspecto, pois na sua primeira edição já conseguimos identificar muitos anúncios como: bancos, cigarro, carro, bebida, companhia aérea, perfume, roupas, acessórios, joias

Assim como na Playboy estrangeira, a Revista do Homem tinha apenas um objetivo o apelo erótico, mas com a censura, esse apelo terá que esperar ainda um tempo:

“(...)Em 1977, o diretor da Censura Federal regulamenta a publicação de nus, proibindo fotografias que mostrassem atos sexuais, nádegas completamente nuas, seios totalmente à mostra, região púbica descoberta, modelos em poses lascivas, relacionamento homossexuais e indumentárias transparentes que permitissem visualizar partes íntima do corpo. (...)”⁴⁰



Modelo pousando nua 1975

Fonte: *Revista do Homem*, nº 1, ano I, agosto, 1975. São Paulo: Abril. p.73



Modelo em 1977

Fonte: *Revista do Homem*, nº 20, ano II, março, 1977. São Paulo: Abril. p.43

⁴⁰ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 111-112

Nas duas imagens conseguimos perceber com clareza como a censura estava ditando regras, ao ponto de na foto de 1977 não conseguimos nem ao menos ver a modelo nua, e quando vemos, como na foto acima, o mamilo está apagado e as nádegas só aparecem de perfil.

As fotos homossexuais foram proibidas, mas algo que nos chama a atenção muito antes de a censura ditar essas regras é a presença de homens posando com as mulheres principalmente nas capas, o homem está sempre presente, se não de corpo inteiro, mas de rosto beijando a modelo, com a mão em sua cintura ou em suas nádegas, o que nos leva a interpretar que o machismo se mostra presente desde a capa até no conteúdo que será apresentado. Se o homem tem que ter uma presença constante, isso pode nos mostrar que essa mulher está ali apenas para satisfazer os seus desejos ou que aquela revista é apenas para ele? Essa resposta vêm já no seu primeiro editorial:

“(…)Revista que interessa ao homem no seu lazer no seu prazer intelectual e também profissional.

Revista para ajudá-lo a tornar-se completo. Para atualizá-lo em todas as áreas do seu interesse inteligente, política, negócios, esportes, aventuras, ciências, arte, cinema, moda, literatura.

Tudo isso sem desprezar as boas coisas da vida: uma bela viagem, o melhor som, boas bebidas, roupas elegantes, um belo iate. E naturalmente, nas doses certas um outro assunto de grande interesse: a mulher.

Nada disto quer dizer que a Revista do Homem seja proibida às mulheres. Mas elas que nos perdoem – desta vez a revista é sua homem brasileiro”.⁴¹



Capa 1975



Capa 1976



Capa 1977

A Revista do Homem não era considerada uma revista para qualquer classe social, ela fazia um recorte muito claro entre os homens que deveriam ler as suas páginas e desfrutar de suas belas mulheres. Ela era erótica e não pornográfica. O

⁴¹ Fonte: *Revista do Homem*, nº 1, ano I, agosto, 1975. São Paulo: Abril.

erotismo era algo valorizado e colocado assim como uma das revistas mais caras, porém as pornográficas possuíam um público popular, por ter um preço mais acessível e por serem consideradas fotos de “prostitutas”, por mais que ambas lidam com o nu de mulheres.

“(…)a obscenidade é sempre relativa ao contexto e à oportunidade. Playboy trouxe a pornografia soft “para a mesa do café da manhã”. Mesmo assim, pode não ser oportuno lê-la em certos lugares ou na presença de mulheres, por exemplo. No entanto, a pornografia hard core continua fora de cena, mesmo após a liberalização dos costumes. Pode-se argumentar que, na sociedade capitalista, o pertencimento de classe cria contextos diferentes, o das revistas dirigidas ao leitor de bom poder aquisitivo e o das publicações populares, em função dos quais o julgamento sobre a obscenidade se desloca.”⁴²

A Playboy queria ser diferente, a sua fórmula era combinar bebidas, cigarros, carros, esportes, lazer, vida saudável, estilo, com mulheres nuas, famosas, com cachês altos, que não posavam nuas e sim ajudavam a desenvolver a arte erótica.

Todavia, não deixemos nos enganar assim como em tantas revistas da época a (Playboy no Brasil) mulher só é mais um item de todos os outros citados, e a arte erótica só se afasta durante um tempo do que era chamado de “sexo ginecológico”. Em 1979 as poses estão tão ousadas que tudo o que a revista declarava que era a sua fórmula de sucesso, o “nu artístico” perde-se. Lembrando que a censura para a pornografia já deixava de perdurar e isso apenas ajuda nas ousadia de seus editores.



Capa 1979



Capa final 1979

⁴² MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 113

Fonte: *Revista do Homem*, nº 7, ano I, março, 1979. São Paulo: Abril.

Na *Homem* de março 1979, a modelo tanto na capa como na capa final já vêm com um apelo erótico muito grande. Neste número, especificamente, não têm em momento algum publicidade, matérias ou artigos que os levem em outra direção. São apenas fotos e mais fotos de mulheres completamente nuas.

Em 1980 não será diferente, ou melhor, a diferença estará nas poses cada vez mais pornográficas e com charges que sempre nos remete ao homem bem sucedido e rodeado por mulheres.

No sumário deste mesmo período as mulheres acabam sendo colocadas como objeto de consumo, a chamada descreve cada qual com suas “qualidades”, seios grandes ou pequenos, ninfetas, danada e a maneira como os homens as chamariam se estivessem com elas: ousadas, gostosas, entre outros.



HOMEM
AGOSTO • 1980 • Nº 24

LOCALIZE A MULHER DOS SEUS SONHOS

4 **BARBARA**
Capota mudo, seios paganos. Ela é a mulher típica da época. 20. Espora em que o pescoço correja salta.

8 **JENIFERA**
Ela, vaidosa, belos quadris. Ela é a mulher que todo brasileiro gostaria de ter amanhã.

29 **MARILIANE**
Linda, corpo magro, muita saúde. Ela é a mulher que gostaria de ganhar de logo de manhã.

33 **LINA**
Linda, grande, quando encontra. Ela é a mulher que sabe.

37 **NEDE BIBEIRO**
Princesa no vestido, exata, corpo antológico. Ela é a mulher que todo brasileiro gostaria de ter amanhã.

40 **ARAZA BRANCA**
Araza, a mais magra, bota e bota. Ela tem o que que Paris vive apaixonado. Ela é a mulher que sabe.

60 **LUZINAR**
Dura bota, corpo safado, peito de maita. Ela é a mulher que todo brasileiro gostaria de ter amanhã. Ela é a mulher que sabe.

E, agora, escolha o assunto para depois

Jornal	11
Homem de Janeiro	14
Marlene Danon	16
Tudo Mundo São	20
Estórias do Homem	22
A Liberdade de São Paulo	23
O Reino dos Degenerados	44
Fome	48
Homem Responde	50
Biologia	51
Cartão de Aniversário	56
Nudez Total	56
Café de Chá	64
Leitura-Coleção	66

Sumário em 1980

Fonte: *Revista do Homem*, nº 24, ano 2, agosto, 1980. São Paulo: Abril. p.3

A mulher tornar-se somente fruto do desejo com a mais intensa ousadia, a inteligência ou a dignidade não é possível encontrar nas páginas de *Homem*, aliás, o que encontramos são o desmerecimento do que foi conquistado até então pelas mulheres:

**SUPERIOR?
HÁ QUEM
ACHE
ATÉ QUE A
MULHER
É MELHOR**

- | | | |
|--|--|--|
| <p>1) ALÔ, TEREZINHA!</p> <p>A mulher só é superior como dona-de-casa ou na educação dos filhos. No resto é um desastre. Como motorista, então, é uma calamidade. Queira ou não, ela depende do homem, de sua força, inteligência e, é claro, do nosso sexo. — Abelardo Barbosa, o Chacrinha.</p> | <p>2) FIM DE PAPO</p> <p>Acho todo esse papo de feminismo muito legal, porque quanto mais a vontade ficarem as coisas, melhor. É assim que o Diabo gosta. Ou é Cristo? Sei lá. Só sei que mulher é a coisa mais gostosa que existe no mundo. — César da Silva Lemos, centroavante do Corinthians.</p> | <p>3) SÃO MAIS MALICIOSAS</p> <p>Sim, a mulher é superior ao homem, porque tem mais capacidade de dor e de malícia. Homem quando tem a malícia feminina é bicha. — Aldemir Martins, pintor.</p> |
|--|--|--|

Fonte: *Revista do Homem*, nº 1, ano I, agosto, 1975. São Paulo: Abril. p.8-9

Transcrevendo os trechos acima:

- 1) “Alô, Terezinha! A mulher só é superior como dona-de-casa ou na educação dos filhos. No resto é um desastre. Como motorista, então, é uma calamidade. Queira ou não, ela depende do homem, de sua força, inteligência e, é claro, do nosso sexo. — Abelardo Barbosa, o Chacrinha.”
- 2) “Fim de Papo. Acho todo esse papo de feminismo muito legal, pois quanto mais a vontade ficarem as coisas, melhor. É assim que o diabo gosta. Ou é Cristo? Sei lá. Só sei que mulher é a coisa mais gostosa no mundo. — César da Silva Lemos, centroavante do Corinthians.”
- 3) “São mais maliciosas. Sim, a mulher é superior ao homem, por que têm mais capacidade de dor e de malícia. Homem quando têm a malícia feminina é bicha. — Aldemir Martins, pintor.”

Os trechos retirados da revista de agosto de 1975 conseguem nos demonstrar como a visão masculina e machista ainda impera mesmo após tantas aberturas de portas após tantas décadas de repressão sexual. Nada mudou?

As propagandas sempre eram abordadas através de mulheres, não necessariamente nuas, mas contidas nas publicidades, por quê?

“(…)A erotização, segundo o autor (Edgar Morin), tem por função estimular o consumo através do desejo sexual, agregando às mercadorias não eróticas a figura de uma mulher, de um *pin-up*, capaz de atrair tanto os olhares masculino quanto os femininos. Estetizando as mercadorias, o capitalismo toca não só no desejo masculino em relação às mulheres, como o desejo destas de serem desejadas pelos homens(…)”⁴³

⁴³ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 107



Publicidade 1977

Fonte: *Revista do Homem*, nº 20, ano II, março, 1977. São Paulo: Abril. p.11



Publicidade 1978

Fonte: *Revista do Homem*, nº 32, ano III, março, 1978. São Paulo: Abril. p.122



Publicidade 1978

Fonte: *Revista do Homem*, nº 32, ano III, março, 1978. São Paulo: Abril. p.122

A afirmação do machismo é cada vez mais clara na revista, em suas seções a palavra Homem é constantemente aplicada: Jornal do Homem, Canto do Homem, Contos para Homem, Serviço de Homem, Correio do Homem. Mas tudo com intencionalidade sexual. A seção Serviços de Homem traz os motéis localizados na cidade do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre. Isso quer dizer que apenas homens frequentavam motéis? Ou eles que sempre precisam saber onde levar as suas “garotas”.

página 56, trazia a seguinte matéria: “Nudez total na noite das desesperadas”. São as famosas “bocas de luxo”, locais onde as mulheres de todos os lugares do Brasil vêm para desfilarem e tirar a roupa como em um desfile de moda, mas com mais sensualidade e menos desprendimento, sem se preocupar com a opinião alheia. A matéria continua indicando quando começa, qual é o local para ter acesso a essas moças.

A Revista do Homem veio apenas colocar um pouco de sofisticação (por mais que algumas vezes esqueceu-se disso) à vida dos homens que desejam prazeres com os mais diversos itens de consumo, pois é isso que as mulheres acabam sendo em Homem, um item que pode ser consumido.

3.3 – Comparativo: Nova x Playboy

Como vimos tanto a Nova quanto a Playboy possui uma questão erótica envolvida em suas páginas. A Nova vêm com o objetivo de ditar novos valores à mulher que não se encontrava, a Playboy apenas afirma que ainda quem “manda” na sociedade, nos costumes e principalmente no sexo são eles.

A Revolução Sexual deveria colocar algumas igualdades, abrir ao público feminino o que realmente estava se passando, mas por mais que as suas reportagens mostrassem essa evolução, ainda são matérias que demonstravam a falta de informação de uma grande maioria. O medo, a insegurança, os olhares de julgamento, são presentes em cada linha. Existe uma falsa percepção de que as informações passadas serão a base da revolução, pelo contrário, isso apenas mostra que cada vez mais as diferenças crescem em alguns pontos.

Eles já tinham o que desejavam, sexo, a qualquer hora, com qualquer pessoa e em qualquer lugar e só abriram mais a porta que já estava entreaberta.

Elas ainda se preocupavam com que eles queriam, se o desejo dura e se não dura, o que fazer. O desquite abriu uma brecha apenas para algumas, pois como vimos muitas ainda preferiam continuar na companhia de seus maridos, mesmo que a infelicidade seja a “refeição principal”.

Sabemos que não poderíamos desejar muito de um país que passa por uma ditadura e que cada vez vêm impondo valores onde não existem. Mas, mesmo assim, os homens não deixaram de mostrar o seu claro objetivo: obtenção de satisfação e prazer.

A maneira que ambas as revistas encaravam as mulheres são completamente diferentes. Nova traz uma visão da mulher como a nova responsável pela mais diversa mudança de valor, por mais que suas publicidades ainda as consideravam objetos para a venda de produtos. Já as mulheres de Homem, são apenas mulheres, em suas entrevistas tudo é relacionado a sexo: como foi a sua primeira vez? O que você acha do seu corpo?

As matérias da revista Nova ainda eram colocadas como guia de ajuda e aconselhamento matrimonial. E as reportagens como política, esporte, economia, são praticamente descartadas, não que elas não desejassem se informar, porém com tanto tempo sem a necessidade de precisar saber sobre certos assuntos, talvez isso torne um pouco mais difícil a sua absorção. Porém, Nova sempre baterá o martelo nessas decisões, se é para ser uma nova mulher, então seremos completas.

Já as matérias da Homem são mais políticas e econômicas, a preocupação com o Imposto de Renda é muito frequente, assim como as informações sobre o que estava acontecendo ao seu redor.



Revista do Homem 1980

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 82, julho, 1980. São Paulo: Abril. s.p.



Homem de Nova 1979

Fonte: *Nova Cosmopolitan*, nº 64, janeiro, 1979. São Paulo: Abril. s.p

O nudismo nas revistas são completamente diferentes, nas fotos anteriores podemos perceber isso nitidamente. A mulher da Revista do Homem esta com a sua nádega completamente nua e com uma roupa transparente, refletindo uma fantasia sexual.

Já na Nova, temos um ator pousando de sunga e sem camisa. Não encontramos um apelo erótico, é apenas um homem dando uma entrevista, que não nos remete em momento algum a fantasias, como na foto da mulher.

Talvez explique de certa forma essa diferença que temos da sexualidade nas revistas, entendemos que os homens possuíam uma visão diferente para saciar o prazer, com a necessidade de olhar para serem instigados. E as mulheres, necessitavam das palavras, gestos e toques.

“Essa predileção dos homens pela ação, no caso, a atividade sexual, e a preferência das mulheres pela narração, pelo que gira em torno do ato sexual, não desaparecerá (...), nem entre as gerações mais jovens, embora o corpo masculino venha a estar mais exposto e sexualizado nas revistas femininas. Isso ajuda a explicar por que nenhuma tentativa de revista de nu masculino teve grande sucesso entre as mulheres, nem mesmo na Suécia, país conhecido por sua enorme liberalidade de costumes. No Brasil tivemos Playgirl, da editora Três, que não foi muito longe. À mulheres raramente interessa ver apenas o corpo nu dos homens. Ao que parece elas preferem vê-lo vestido, uma vez que o entorno fala mais do seu interior, sua maneira de ser, sobre aquilo que ela raramente fala: seus sentimentos. Linda Williams acredita que o que define a

representação pornográfica é a “vontade de saber [masculina] em oposição permanente ao mistério do prazer feminino”.⁴⁴

As publicidades das revistas acabavam se tocando, pois as mulheres são a base para qualquer bem de consumo que estava sendo vendido, em Nova essa mulher tinha um grande apelo à sexualidade, que na Homem não encontramos. A mulher está presente sim, mas de uma forma diferente, como pessoa que também deveria comprar e usar o objeto.

Ambas possuem o sexo como principal tema, e é claro, porém não quer dizer que só porque os homens colocavam isso com mais clareza, não quer dizer que possuíam o sexo com mais facilidade, a vida sexual deste homem pode simplesmente não existir e assim cabe à essas revistas atenderem a esse público também.

“(...)Playboy tem como filosofia o prazer da primeira à última página, através do entretenimento. O prazer é o objetivo. Nova não têm nada haver com isso. Ela busca o crescimento pessoal. O prazer é um item entre muitos outros. Aliás não se cresce com o prazer, se cresce com a luta, dor e sofrimento, com muito trabalho. Nova tenta ajudar a mulher a crescer. Como para o homem Nova é uma revista de sexo, então há uma confusão. Não quero dizer que a Nova não tenta dar prazer para as suas leitoras. Mas a proposta é outra. O problema é que as pessoas lêem a matéria da capa, “Paixão, como reacender a chama”, aí não lêem a matéria. A mulher da capa de Playboy está-se oferecendo. A mulher da capa de Nova está segura da sua posição”⁴⁵

Os objetivos eram diferentes, mas as ideias parecidas, por mais que Fátima Ali não desejasse que a Nova estivesse ligada a pontos com a Playboy, querendo ou não, as duas se comprometiam com o seu público em levar um pouco mais de sedução, atrevimento, excitação para o dia-a-dia dos casais, ou solteiros(as). Será que essa mídia conseguiu fazer com que seus reflexos fossem sentidos por uma sociedade machista e tradicionalista? Ou apenas foram ousadas com objetivo puro e simples de ganhar dinheiro e serem reconhecidas pelo mundo?

⁴⁴ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: FAPESP, 2003. p. 120

⁴⁵ Histórico Dedoc; “Fátima Ali entrevista” e “Belas da tarde disputam audiências na TV”, *O Estado de São Paulo*, 26/07/1993.

CONCLUSÃO

Após a análise dos fatos acima, esta parte do trabalho deveríamos concluir com as mais diversas afirmações de que a Revolução Sexual trouxe a evolução e a liberação que as mulheres precisavam após tantas décadas de repressão sexual, certo? Porém não foi bem assim que fecharemos esse trabalho, pois como podemos notar há uma grande diferença entre os discursos e as ações.

Apesar da década de 60 ter colocado a História como uma década de mudanças de abertura de portas, não foi dessa maneira que os fatos aconteceram, muitas “amarras sexuais” ainda permaneceram o pós Revolução Sexual no Brasil, o comportamento da sociedade não acompanhou o comportamento sexual.

As transformações foram bem delimitadas, os homens que já possuíam uma abertura em falar, fazer e participar efetivamente da atividade sexual apenas continua obtendo das mais diversas formas possíveis de dar continuidade ao pensamento tradicionalista e machista.

Já as mulheres, começam com “paços de formiga” a caminharem com um pouco mais de ousadia, fala-se mais de sexo, discute assuntos que até então eram impróprios para as mulheres de família, participa das seções, artigos e reportagens que a revista Nova trazia para a década de 70.

A intenção da revista Nova nunca foi de revolução contra os costumes, mas sim tornar a mulher um indivíduo participativo da sociedade. Só que isso não era o suficiente, o que adiantava termos mulheres bem sucedidas, com carreiras definidas, se dentro de suas casas ainda continuam sendo apenas mulheres, esposas, sem desejos e vontades? Nada.

Contudo, nem todas as mulheres eram apenas vítimas do que a sociedade impunha. Leila Deniz soube exatamente usar as mudanças ao seu favor, já que conseguia entender que era feita também de corpo, sangue e desejo. Abala as estruturas com o seu jeito de colocar as coisas como deveriam ser e como ela gostava de ser. Torna-se um ícone para tantas outras mulheres que, também desejam essas mudanças, mais ainda, não sabiam como fazê-la. Ao mesmo tempo, foi o símbolo da “perversão” para homens e tantas outras mulheres, surgindo assim uma contradição, se ela Leila Deniz usa os acontecimentos ao seu favor, porque ainda é alvo de crítica de mulheres? Não é fácil responder, porém temos que observar que mudanças geram perdas e ganhos, e nem todas estão disponíveis

para as perdas: relação fixa, casamento de anos, rotinas. Recomeçar é algo que assustava e podemos afirmar que ainda assusta uma grande gama de mulheres que nos rodeiam. Quem nunca ouviu história de mulheres que vivem anos infelizes ao lado do parceiro ou que sofrem com agressões das mais infinitas formas.

Enquanto as mulheres brigavam para se posicionarem diante dos acontecimentos, os homens não perdiam tempo, a Revista do Homem os posicionava como seres pensantes e donos das verdades sobre o sexo e as mulheres. Deixando claro essa relação homem e mulher, pois de todas as revistas Homem analisadas, em nenhuma observamos relações homossexuais ou matéria que tratem sobre o assunto.

Não estamos aqui para criticá-los em relação a utilização da libertação sexual a seus favor, mesmo quando a ditadura impôs restrições às revistas pornográficas ou eróticas.

Eles estavam corretos, deveriam usar a seu favor o que a mídia lhes proporcionava. Espaço para discussões, trocas de informações ou para se deslumbrarem com as mulheres nuas. Mas o que desejamos levantar para a discussão é porque ao se utilizarem desse espaço, possuíam a necessidade de usarem charges, piadas, artigos que de alguma maneira colocavam as mulheres como inferiores ou completamente dependente deles? Talvez por nossa própria culpa? Pela forma que ainda não conseguimos nos afastar de uma vida sem eles? A revista Nova afirma isso a cada vez que traz artigos, com a preocupação do que eles queriam e desejam de uma mulher.

Nesse momento com o discurso acima, a ideia de radicalismo dos primeiros movimentos feministas podem aparecer como base, todavia, não é isso que queremos passar, a ideia é que existe vida pós casamento e a felicidade sexual pode muito bem vir de outras maneiras e formas. Sabemos que homem e mulher se completam e que existem casais muito felizes, que esse discurso possa soar até de certa maneira estranha aos seus ouvidos. Mas a ideia é justamente pensar nos casais que não são felizes justamente por não saberem que existe o limite de uma vida sexual saudável, para a obrigação do dia-a-dia.

Sabemos que felicidade é um adjetivo que pode ser interpretado de diversas formas e maneiras, porém estamos a utilizando para simplificar o conhecimento do que se passava na década de 70 e ainda continua acontecendo nos dias atuais.

Em algum momento, além da ideia de colocar a mulher como inferior e dependente do homem, a Revista do Homem foi levada ao limite de simplificar um corpo de uma pessoa apenas a carne e nudismo. Nas revistas dos anos de março de 1979 e agosto de 1980, isso é demonstrado do começo ao fim, não existe publicidade. As posições passaram de eróticas à pornográficas, as seções de informações passaram de matérias com fundo político e econômico ao encontro de casais, casas de massagem, endereço dos locais onde acontecem desfiles de mulheres nuas.

Olhando esses anúncios com nossos olhos do século XXI e com olhos de mulheres, acabamos nos interessando pela seguinte análise: vivemos um ciclo vicioso que nos leva sempre a tradição, ao pudor, a moral e aos bons costumes dos anos da ditadura? Ou na realidade nunca deixamos uma sociedade tradicionalista e machista?

Durante a confecção deste trabalho, sempre nos foi questionado porque falar sobre sexo ou sexualidade, e sempre respondíamos com outra pergunta, porque não? A resposta tanto para as perguntas do parágrafo anterior como para esta, é que sexo é tabu que ainda não conseguimos colocar na mesa do jantar e conversarmos com os nossos pais, filhos, avós e por muitas vezes com o nosso próprio companheiro.

Companheiro? Porque não companheiras também? Porque infelizmente o tabu pela sua grande maioria ainda está entre as mulheres que não conseguem se enxergar como além de serem pensantes, frutos da natureza sexual. Não se fala de sexo perto de homens, não se pergunta dúvidas para amigos homens, não se utiliza palavras chulas sobre sexo. Isso é o medo que ainda é gerado pela grande gama de homens que continuam definindo as mulheres que são para se casar e as que não são. Voltamos mais uma vez a décadas passadas.

“Batemos no peito” que estamos cada vez mais ganhando espaço na sociedade, que já possuímos uma lei (Lei Maria da Penha) para nos defender, porém, ainda não somos defensoras de nós mesmas. Estamos perdidas sim e seremos mulheres heterossexuais com limites impostos ou seremos mulheres homossexuais que conseguem liberação sexual na busca de prazer através do mesmo.

Então, apenas os homossexuais conseguiram obter o sucesso da Revolução Sexual? Isso, mesmo se olharmos em nossa volta, percebemos que os homens

continuam fechados em um mundo que já se foi, as mulheres se olham com estranhezas quando alguma outra mulher do seu grupo coloca sexo como assunto pertinente para qualquer hora e com qualquer pessoa. E os homossexuais simplesmente deixam que o prazer faça parte de sua vida sem pensar no que os outros vão pensar, dizer ou fazer, simplesmente se a aceitação como seres humanos banidos de orgasmos, clímax ou as mais diversas formas de colocar o ponto auge da relação sexual. Não se tem vergonha, nem receio, pois enfrentam diariamente os olhos mais horrorizados e julgadores.

Quando não encontramos a tradição como ponto de relevância, temos o extremo: a prostituição das mais diversas formas, dos mais diversos locais, a qualquer preço. Ela (prostituição) vêm com força total, não que não existe, porém após a libertação sexual, faz com se torne a indústria do sexo, e podemos afirmar que foi a que mais ganhou (não temos a pretensão de discutir um assunto tão vasto como esse, apenas estamos arranhando a superfície para futuras discussões).

As ideias implantadas e difundidas se perderam no caminho das décadas, o pensamento era a valorização e não o valor (espécie) que era e é cobrada, acabamos novamente nos colocando a mercê do que os homens desejavam e ainda desejam: prazer sem cobranças, a falta de preocupação de satisfazer a companheira. A única diferença é a forma que isso é colocado: preço.

Assim, podemos concluir que infelizmente esse trabalho afirma a pergunta que dá o título do mesmo: Revolução Sexual, para quem? Já que para as mulheres isso não aconteceu e se aconteceu passou despercebido da grande maioria.

As continuidades persistem apesar de o tempo ter mudado, a História já escreveu diversas páginas, já ensinou diversas formas, já mostrou o caminho. Se ainda não conseguimos entender nada disso, é porque não queremos ou porque desejamos que seja assim?

BIBLIOGRAFIA

Livros:

ANTUNES, Ricardo. *A Rebelião do trabalho: o confronto operário no ABC paulista, as greves de 1978/180*. São Paulo, Ensaio, 1992.

CITELI, Maria Teresa. *A Pesquisa sobre a sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro, IMS, 2005

COSTA, Cristina. *Caminhando contra o vento: uma adolescente dos anos 60*. São Paulo, Moderna, 1996.

HELENA, Maria, PAES, Simões. *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo, Ática, 2004.

HOLANDA, Heloisa Buarque de, Gonçalves, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos Anos 60*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

LOURO, Lopes Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

LUCENA, Luiz Carlos. *Rock a música da revolução: o rock contando a história dos anos 60*. São Paulo, Selecta, 2005.

MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre, L&PM, s.d.

MARCILIO, Maria Luiza. *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo, Loyola, 1993.

MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura do século XX*. São Paulo, FAPESP, 2003.

MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.

_____. *Libertação sexual da mulher*. Rio de Janeiro, Vozes, 1971.

PAKER, Richard, BARBOSA, Regina Maria. *Sexualidades brasileiras*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996.

RISÉRIO, Antônio et al. *Anos 70: trajetórias*. São Paulo, Iluminuras, 2006.

RODRIGUES, Marly. *A década de 80: Brasil quando a multidão voltou às praças*. São Paulo, Ática, 1992.

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1997.

Dissertações de Mestrado:

MESQUITA, L. N. M. *A Construção de homens e mulheres na revista Nova: um olhar Sociossemiótico*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Comunicação e Semiótica, 2003.

GUIMARÃES, Maria Paula Piotto da Silveira. *Nova: 30 anos da mulher de 30*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Comunicação e Semiótica, 2006.

SCOLESO, Fabiana. *As Formas políticas e organizacionais do "Novo Sindicato": as paralisações metalúrgicas de 1978, 1979 e 1980 no ABC paulista*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em História, 2003.

Tese de Doutorado:

MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril*. São Paulo, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado em Sociologia, 1997

Revistas:

Revista do Homem, nº 1, ano I, agosto, 1975. São Paulo: Abril.

_____. nº 7 ano I, fevereiro, 1976. São Paulo: Abril

_____. nº 20, ano II, março, 1977. São Paulo: Abril.

_____. nº 32, ano II, março, 1978. São Paulo: Abril.

_____. nº 7, ano 1, março, 1979. São Paulo: Abril.

_____. nº 24, ano 2, agosto, 1980. São Paulo: Abril.

Sexos a Trama da Vida: invenção da sexualidade moderna, nº 1, Duetto, 2008. São Paulo.

Sexos a Trama da Vida: corpos feitos de desejo, nº 2, 2008. São Paulo: Duetto.

Sexos a Trama da Vida: uma questão de gênero, nº 3, 2008. São Paulo: Duetto.

Sexos a Trama da Vida: fronteiras da transgressão nº 4, 2008. São Paulo: Duetto.

Nova Cosmopolitan , nº 37, outubro, 1976. São Paulo: Abril.

_____. nº 24, setembro, 1975. São Paulo: Abril.

_____. nº 62, novembro, 1978. São Paulo: Abril.

_____. nº 64, janeiro, 1979. São Paulo: Abril.

_____. nº 82, julho, 1980. São Paulo: Abril

Sites:

<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/07.pdf>

<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos60.htm>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232004000400031&script=sci_arttext

<http://www.webartigos.com/articles/1489/1/Educacao-Sexual---Sexualidade-Antes-E-Depois/pagina1.html>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200029

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>

<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/30102009-044104bozon.pdf>

<http://minhanoticia.ig.com.br/editoria/Comportamento/2010/02/25/educacao+sexual+sera+obrigatoria+nas+escolas+da+inglaterra+9406486.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u371646.shtml>

<http://noticias.terra.com.br/popular/interna/0,,OI311055-EI1141,00.html>

<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3297--Int.pdf>